

Universidade Federal do Rio Grande Do Sul
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras

NATÁLIA OLIVEIRA JUNG

Divisor: um romance e o relato de seu percurso criativo

Porto Alegre
2023

Natália Oliveira Jung

Divisor: um romance e o relato de seu percurso criativo

Dissertação de Mestrado em Letras, área de Estudos de Literatura, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luís Augusto Fischer

Porto Alegre
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Jung, Natália Oliveira
Divisor: um romance e o relato de seu percurso
criativo / Natália Oliveira Jung. -- 2023.
134 f.
Orientador: Luís Augusto Fischer.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Criação literária. 2. Ontologia. 3. Amazônia. 4.
Escritas de si. I. Fischer, Luís Augusto, orient. II.
Título.

Natália Oliveira Jung

Divisor: um romance e o relato de seu percurso criativo

Dissertação de Mestrado em Letras, área de Estudos de Literatura, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Resultado: Aprovada em 10 de outubro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luís Augusto Fischer – Orientador
Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Carlos Augusto Bonifácio Leite
Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Rodrigo Simon de Moraes
Brazil LAB – Princeton University

Dra. Verenilde Santos Pereira
Escritora sem vínculo

Porto Alegre
2023

Para minha mãe Graça, com todo meu amor e saudade
Para minhas mães Peregrina e Veriana, luzes da minha vida
E a todas as mães escritoras, que escrevem nas entrelinhas da vida

Agradecimentos

Agradeço eternamente aos meus pais e professores Raimundo Irineu Serra e Peregrina Gomes Serra por tudo que sou; aos meus pais Seno Jung e Maria das Graças Oliveira Jung por me permitirem ser; e à minha mãe Veriana por me acolher desde o primeiro olhar. A todos os seres divinos que me acompanham, minha gratidão.

Agradeço ao meu orientador Luís Augusto Fischer pela interlocução imediata e injeções de ânimo, pela escuta e confiança. Ao meu professor Henrique Silvestre pelo exemplo de pessoa e de conduta docente, agradeço a leitura mesmo sem que tenha participado da banca por motivo de força maior. Agradeço ao professor Guto Leite que substituiu de última hora o professor Henrique e me deu a honra da leitura e apontamentos sinceros ao trabalho. Ao Rodrigo Simon de Moraes e à escritora Verenilde Pereira que prontamente se disponibilizaram para a leitura deste trabalho, me sinto honrada por estarem em minha banca, muito obrigada pela atenção.

Agradeço a todos os professores com quem aprendi durante o mestrado: Magali Endruweit, Regina Zilberman, Leonardo Antunes, Guto Leite, Paulo Guedes, Assis Brasil, Homero Vizeu e Karina Lucena. Agradeço à CAPES pela bolsa de pesquisa.

Agradeço a todos que disponibilizaram seu tempo a mim em algum momento dessa trajetória: à Comissão Pró-Indígenas do Acre, através da Malu Uchôa, com tamanha generosidade e sempre disponível às minhas questões, ao Frank pelas boas conversas sobre rios e barrancos e a meu amigo e compadre Gleyson, desde sempre e para sempre, estendido à toda sua família, que é minha também. A todos os professores da Organização dos Professores Indígenas do Acre, especialmente a Joaquim Maná, Isaac Piyãko e seus irmãos Moisés, Benki, Francisco e Alexandrina, que sempre me receberam com muito carinho e atenção. Ao Marcelo Piedrafita pelas boas conversas e empréstimos de seu acervo infinito do que há de melhor sobre a Amazônia. Aos professores Moisés Barbosa e Marcos Silveira da Universidade Federal do Acre. Aos pesquisadores Evandro Ferreira do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, Shoey Kanashiro e Maria das Graças Lapa Wanderley do Instituto de Botânica de São Paulo e ao ilustrador botânico Klei Sousa, por me concederem as entrevistas. Ao Fabiano Campos, meu tradutor oficial. Agradeço a todos os pesquisadores que dedicam boa parte de suas vidas para entenderem um pouco dos mistérios desta floresta e disseminarem o conhecimento.

Agradeço aos povos da floresta, pois são muitos que me receberam em suas casas, me deram abrigo, comida e exemplos de conduta. Ao Nenzinho e a todos da Resex Cazumbá-

Iracema. Aos moradores do pé da Serra, a seu Bolota e sua família, em especial ao seu filho José. Ao povo Nukini, Nawa e aos moradores da Resex Chico Mendes.

À minha comadre, amiga e parceira de muitos trabalhos, Marina Bylaardt, pelas ilustrações, primeiras leituras e por ter compreendido Ana Hévea imediatamente. Meu compadre Antonio Alves, fonte inspiradora para todos os poetas, escritores, comunicadores, políticos e simpatizantes do Acre, nosso patrimônio imaterial, autor das minhas epígrafes e dos mais belos escritos sobre nosso país Acre. Minha gratidão e respeito. Às Manas que sempre me socorrem num e outro momento de apuro.

Aos escritores Tiago Novaes e Joca Terron pelas leituras generosas e opiniões sinceras. Vocês foram luz em meu caminho.

Ao meu esposo Fabiano, companheiro de todas as horas e todos os dias, apoio incondicional. Muito obrigada, meu amor! Ao Theo, meu filho amado, por tanta compreensão, tanto ânimo e sabedoria, você é meu presente divino e força diária de vida. Mamãe ama mais que tudo. E agradeço, em especial, à minha mãe Graça Jung, que me deu a vida e infelizmente não está aqui em matéria para ver o final dessa história que ela acompanhou desde o início. Toda minha gratidão, minha mãe, minha Pi, honro sua vida e a herança mais linda que me deixou: o amor pelos estudos, pelo trabalho honesto, pela persistência, quietude e contemplação. Este trabalho é um pequeno resultado disso. Sigamos!

Porque talvez você não saiba
o que esse cheiro da terra
depois da chuva traz
para quem tem a memória
dos rios e dos barrancos
e de todas as tardes
em que um lento batelão
percorre águas improváveis,
caçando canais,
roçando lama,
devassado de proa a popa
por um vento
de indisfarçável melancolia
e talvez você não imagine
o tamanho da solidão
que essas viagens trazem
e estendem na alma
por um tempo muito longo
(uma eternidade)
e porque
talvez você não sinta
o poder dessa vontade
-ai, essa vontade-
de subir todos os rios
todos os tempos
até chegar às vertentes
das águas e das horas
...
é por isso então
que eu te conto
essas histórias.

Antonio Alves



Resumo

Este trabalho consiste num romance de ficção ambientado entre a Serra do Divisor no extremo oeste da Amazônia acreana e a cidade de Londres na Inglaterra. É precedido de um relato analítico do processo de sua produção, que inclui pesquisas realizadas para o desenvolvimento da narrativa, fatos vivenciados pela autora que serviram de inspiração e discussões sobre aspectos concernentes à teoria literária e à antropologia.

Palavras-chave: criação literária, ontologia, Amazônia, escritas de si.

Abstract

This work consists of a fiction novel set between the Serra do Divisor in the far west of the Acre Amazon and the city of London in England. It is preceded by an analytical exposition of the production process, which includes researching carried out for the development of the narrative, facts experienced by the author that served as inspiration and discussions on aspects concerning literary theory and anthropology.

Keywords: literary creation, ontology, Amazon, self writing.

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

SUMÁRIO

Introdução	13
I. Antecedentes	16
1.1 Meu lugar	17
1.2 O buraco da Central	21
1.3 O colchão e a ilusão etnocêntrica	25
1.4 O luto	28
II. O processo	30
2.1 Autoficção, autoetnografia, escritas de si, escritas de mim, euscritas	31
2.2 As personagens	33
2.3 Universo Cancional do <i>Divisor</i>	37
2.4 Estrutura e linguagem	41
2.5 Cosmologias	47
III. Divisor – a narrativa em construção	51
Referências	52

Introdução

Quando descobri que havia uma linha de pesquisa denominada *Estudos Literários Aplicados - Escrita Criativa*, na pós-graduação em Letras, fiquei muito animada. Mas era no Rio Grande do Sul, na Pontifícia Universidade Católica (PUC), e eu morando no Acre, a possibilidade de cursar era muito remota. Quando veio a pandemia, tudo foi se tornando também remoto, no outro uso da palavra, e descobri que não era somente a PUCRS que ofertava esse curso, mas a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) também. Sempre quis uma oportunidade de desenvolver o projeto de uma narrativa ficcional que eu já vinha cultivando há um tempo, mas que não tinha pares para discutir os problemas que vinha percebendo ao longo da escrita. Poder fazer isso durante o mestrado e como resultado de pesquisa me pareceu ideal.

O romance *Divisor* vem sendo gestado há muitos anos, com longas lacunas em seu processo de criação. Primeiro veio a personagem Ana, lá de Londres, imbricada nas neuroses cosmopolitas. Anos depois, surgiu a curiosidade sobre um local meio turístico, meio abandonado dentro da floresta no extremo oeste da Amazônia e no ponto mais ocidental do Brasil – o Buraco da Central, no pé da Serra do Divisor e entre as Terras Indígenas Nawa e Nukini. Logo levei a Ana para esse ambiente e comecei a desenvolver a história. Nada escrito até então, apenas planos. Eu não tinha tempo pra me dedicar, trabalhava e estudava, além de ser mãe, que por si só já é ocupação suficiente. Sentia a necessidade de pesquisar mais sobre o local e sobre escrita literária. Eu era antropóloga e também trabalhava com jornalismo, nem sabia por onde começar um romance. Foi quando surgiu a oportunidade de uma bolsa de criação literária que fui contemplada pela Biblioteca Nacional e Ministério da Cultura. Retornei à Serra do Divisor para pesquisar e cursei Letras. Comecei a desenvolver timidamente as personagens e escrever alguns capítulos. Aliado ao despreparo, sentia a falta de pares para conversar a respeito, algo que foi sendo sanado com cursos on-line (durante a pandemia) e aprofundado durante o mestrado. Apesar de estar a cerca de quatro mil quilômetros de distância, consegui dialogar com colegas, tirar dúvidas com professores, descobrir autores desconhecidos, novas leituras, outros olhares.

Ainda assim, tive alguns percalços. Estava dando aula, como professora substituta, para mais de cem alunos no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre, também na modalidade remota. Na eminência de que as aulas presenciais poderiam ser retomadas a qualquer momento, me matriculei em seis disciplinas, para dar conta do máximo de créditos a

serem vencidos logo no primeiro semestre do curso. Tive que aliar, portanto, meus cem alunos com as seis disciplinas. Ainda acho que eu consegui vencer os créditos e a responsabilidade com meus alunos e corpo escolar, com sanidade, graças a algum milagre. Se eu ainda mantinha algum resquício adolescente da ilusão romântica de uma escritora sentada confortavelmente à sua escrivaninha organizada em frente à janela voltada para o horizonte, essa ilusão foi definitivamente esmagada. O obscurantismo da figura feminina como escritora na história da literatura tem muitos vieses e ele não deixou de existir, apesar das custosas conquistas da mulher na sociedade de forma geral. Não é fácil ser Mulher, Mãe, profissional, periférica e escritora mesmo em 2023. E eu não poderia deixar de dizer isso aqui, embora fuja ao escopo deste trabalho. Não se enganem, melhorou, mas está longe de não existir. E isso somado a estar na Amazônia, que apesar de tão central ao mundo, é ser periférico aos olhos do Brasil e este sim é o escopo central deste trabalho e da narrativa *Divisor*.

Durante o mestrado, portanto, estive às voltas com a escrita autoral de uma narrativa que pudesse chegar ao leitor comum, uma narrativa que levasse um tanto da discussão sobre nossa ancestralidade, sobre as ontologias ameríndias dos povos tupi que se espalharam por todo o Brasil e deixaram suas sementes plantadas, apesar do grande extermínio após a colonização. A narrativa que escrevi tem o intuito de levar esse tema aos leitores, a partir de uma ficção. Muitos são os assuntos que envolvem a Amazônia como bioma e existem inúmeros estudos e pesquisas que se avançam a cada dia sobre a riqueza e as dores deste local que sempre foi divulgado e exportado como inacessível e vazio. Afirmações que vem sendo, paulatinamente, desmentidas justamente pelos povos que aqui habitam e pelos pesquisadores que dedicam suas vidas a conhecer e divulgar um pouco do universo amazônico. No entanto, estas pesquisas e estudos, acabam por circular em seus próprios nichos, sendo pouco acessados pelo senso comum. Creio na força da literatura, da narrativa ficcional como instrumento de veiculação para além dos nichos acadêmicos.

A escolha pela ficção é, portanto, uma outra forma de circular os assuntos pertencentes à região amazônica, tentando não reproduzir velhos discursos como o da “ausência”, o que mais predominou nas narrativas ficcionais ambientadas neste bioma. A ausência de gente, de cultura, de recursos, de desenvolvimento, etc. Ou então o discurso do exótico e fantástico, um mundo folclórico, cheio de mistérios e perigos. A temida selva amazônica. Fugir aos modelos estereotipados é um desafio, mas assim o é para toda a literatura. Encarei esse desafio e me alegro, e muito, a aparente contradição da narrativa estar saindo de uma academia, pois também

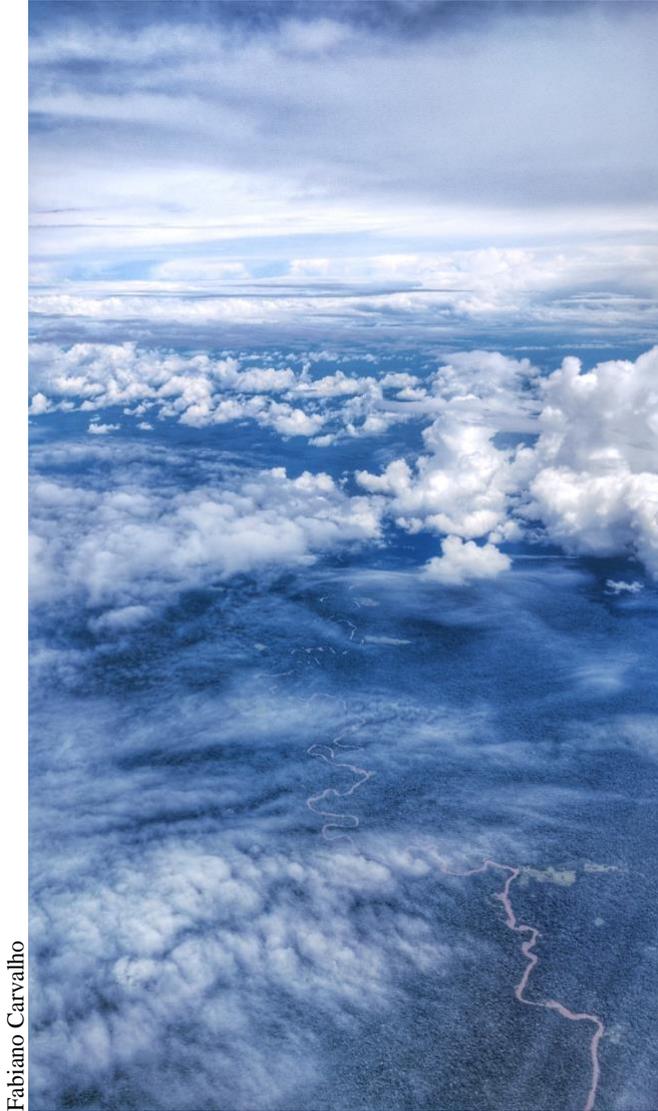
permite trazer essas discussões num subtexto, ainda que o objetivo seja a ficção em si, ou melhor, o processo de criação em si.

Cheguei a ser indagada por uma professora de literatura do motivo de eu escrever um romance se eu poderia fazê-lo fora da academia, não precisaria estar num programa de mestrado para isso, que deveria me dedicar a uma pesquisa de fato e não a uma escrita ficcional (?!). A academia tarda em não tratar com maior seriedade o processo criativo, que exige, sim, muita pesquisa, que exige tempo e dedicação hercúleos sobretudo quando inserido no universo amazônico, onde as dimensões não são gigantes apenas geograficamente. Um programa de mestrado é um espaço maravilhoso para esse fazer, mas para mim ainda foi pouco tempo para finalizar o romance, com todos os obstáculos tendo sido atravessados. Entrego, então, o romance inacabado, pendente de melhorias e definições sobretudo estilísticas. Enfim, uma narrativa sem uma apreciação editorial, com a necessidade de mais capítulos, mas com o corpo do projeto inicial desenvolvido e o final da narrativa a ser terminado.

Junto ao romance que compõe o terceiro capítulo desta dissertação, apresento no primeiro capítulo alguns antecedentes do processo criativo, desde a primeira ideia, a construção das personagens, algumas das inspirações para as cenas, do ambiente aos causos que ouvi e/ou vivenciei. No segundo capítulo, abordo o processo criativo em si, apresentando a estrutura da narrativa em seus aspectos fundamentais: narrador, personagens, ambiente e tempo. Abro espaço, ainda, para uma breve discussão sobre os principais problemas que me deparei na escrita da narrativa, em termos de conteúdo e estilísticos, e quais as soluções que encontrei ou que ainda ficaram em suspenso. Assim como trago parte das pesquisas que desenvolvi para amparar a história das personagens, tais como: o universo cancional de cada personagem, a ilustração botânica, a cosmologia ameríndia e a linguagem cabocla.

Divisor é um romance sobre fronteiras, sobre o espaço entre o visível e o invisível, entre a vida e a morte, entre a lembrança e o esquecimento, entre o Peru e o Brasil, entre o branco e o indígena, entre Londres e o Acre. É sobre o *entre* que demarca a fronteira, é o divisor de águas, das mesmas que são rio, das que chovem, das que choram e das que findam em mar.

I. Antecedentes



Fabiano Carvalho

*Era um caminho quase sem
pegadas
onde tantas madrugadas folhas
serenaram
era uma estrada muitas curvas
tortas
quantas passagens e portas ali se
ocultaram
era uma linha sem começo e fim
e as flores desse jardim meus avós
plantaram
era uma voz, um vento, um
sussurro
relampo, trovão e murro nos que
se lembraram
uma palavra quase sem sentido
um tapa no pé do ouvido todos
escutaram
um grito mudo perguntando aonde
nossa lembrança se esconde
meus avós gritaram.*

Siba

Como tudo começou. Foi isso que pensei num primeiro capítulo. Como começou a ideia do livro, da história, das personagens. Começou com o buraco da Central. Mas a personagem Ana veio antes, lá de Londres, não tem nada a ver com o Acre. Então começou em Londres. Também não, porque Ana nem sabia que existia o Acre quando estava em Londres. Começou com o Acre, portanto. Também não, porque já havia algo antes e esse algo era eu, a escritora. Eu morei em Londres e vim para o Acre, mas não é a minha história. Só emprestei um pouco dos meus olhos para a Ana e ela viveu sua própria aventura. Alguns fatos marcantes da minha vida pessoal talvez sejam definitivamente os responsáveis pelas escolhas na narrativa. Neste capítulo irei apresentá-los de forma a conectá-los com a ficção criada.

1.1 Meu lugar

*Todos os astros luminosos iluminam o Acre.
Da lua vejo todos os rios que no Acre têm.
Aparecem brilhantes como se fossem fogos com chamas.
A floresta do Acre parece ter cabelos compridos, lisos.
Bem bonitos e penteados pela natureza acreana.
Todas as estrelas que existem no universo são fêmeas.
E todas elas olham o Acre.*

Jaime Llullu Manchineri

Sou filha de gaúcho, mais precisamente da colônia alemã de Manchinha, município de Três de Maio. Meus bisavôs alemães chegaram ao Brasil no início do século passado e se fixaram na região de Santa Rosa para viver da agricultura. Meu pai aprendeu português quando foi para a escola e, após servir o exército, foi para a Alemanha para estudar num curso técnico. Assim que se formou, voltou para o Brasil diretamente para Sorocaba, a antiga cidade tropeira do estado de São Paulo, que passou anos sendo rota e abrigo de tropeiros vindos justamente do Rio Grande do Sul, mas que se industrializava às pressas, acompanhando a capital do estado. Lá chegou já empregado de uma indústria alemã. Numa noite de festa na cidade, conheceu minha mãe, sorocabana legítima, de família bastante interiorana, caipiras da pequena Salto de Pirapora e de Piraporinha. Seis meses depois se casaram e logo menos, cheguei para compor a família juntamente com um irmão que nascera um ano antes. Nasci na pequena cidade vizinha, Pilar do Sul, pois o médico de minha mãe estava lá de plantão no dia do parto, mas fui criada em Sorocaba. A vida de trabalhador de indústria durou alguns anos, até meu pai se injuriar de estar no meio da poluição e sentir falta daquele guri do mato lá das beiras do rio Uruguai. Convenceu minha mãe que deveriam largar a cidade e ir morar no campo. Compraram um sítio, como se diz em São Paulo – uma colônia, como se diz no Acre – e cuidaram de construir casa, galpão, plantar e criar animais. Minha mãe sempre foi professora e amava o ofício. Até tentou ajudar como pôde na lida de agricultora, mas era incompatível com a rotina de uma professora da rede pública de ensino fundamental. O sítio era bem isolado da cidade, não era muito longe, mas o acesso era péssimo. Estrada de terra cheia de atoleiros na época das chuvas e super empoeirada na seca. Não tinha ônibus, nem telefone. Não passava correio. Eu e meu irmão estudávamos na cidade numa escola próxima à casa da minha avó, que dava o suporte necessário para que pudéssemos estudar. No sítio, a vida era junto aos animais e às plantações, um igarapé e uma represa. Os vizinhos eram distantes. Eu passava muito tempo sozinha

descobrimo o mundo através daquele espaço de sementes e colheitas, de céu amplo e horizonte longínquo.

Sorocaba cada vez mais esmagava sua tradição tropeira, afastava sua periferia caipira e quilombola para os cantos, na ânsia de enricar como cidade industrial. Esta lógica de progresso do interior paulista nunca me foi compreensível e me custou entender que era isso o que me fazia não gostar de lá. Aos 19 anos me mudei para outra cidade do interior paulista – Bauru. Fui estudar Psicologia num dos *campus* da Universidade Estadual Paulista. Ali percebi que o mundo era bem maior, pois me relacionava com gente de todos os cantos do Brasil. Viajei muito nessa época, até decidir ir para Londres durante um período de greve da universidade. Notei que o mundo era ainda maior e que eu não fazia ideia do que era uma cidade, no sentido *stricto* do termo. A nascente do mundo urbano jorrava dos prédios londrinos água de concreto sobre minha pele. Pele latina, aliás. Pois lá que descobri, com toda minha branquitude alemã, quão latina eu era. E mais do que latina, caipira. Por coincidência, ou ordem do destino, morei numa casa com mais nove brasileiros, todos gaúchos. Que alegria era ser latina, brasileira e, principalmente, caipira. Era um diferencial importante. Meus amigos gaúchos eram bem urbanos de Porto Alegre, uma delas era de família da roça também, tinha expressões que minha avó gaúcha/alemã usava. Quando voltei de Londres, não quis mais cursar Psicologia, nem morar em São Paulo. Fui para Porto Alegre. Passei alguns meses, mas estava na entressafra do período possível para entrar em outra faculdade e fiquei deslocada na cidade que era tão familiar aos meus amigos, mas que eu não consegui me identificar a ponto de insistir na permanência.

Voltei para Sorocaba, na casa da mãe, que àquela altura já não morava mais com meu pai e a casa já era outra, assim como eu. Ainda deslocada, segui para São Carlos, também no interior de São Paulo, atrás de um curso de Cinema na universidade federal que durou até eu, num ímpeto aventureiro, decidir conhecer o Acre, após passar um tempo no Mato Grosso e Rondônia também às escutas de um lugar para chamar de meu.

Acre foi amor imediato. Ao primeiro cupuaçu, açaí, bacaba. À tapioca e ao mingau de banana comprida. À prosa solta de qualquer um pela rua. Ao caboclo que é o mesmo cidadão. Ao urbano precário, resistente ao concreto, às casas de madeira e às crianças descalças. Como me senti em casa! Era fascinante a sensação de que não é a cidade que cresce e sim a floresta que avança numa cidade que tarda, quase se defendendo de um crescimento torto e corrompido.

Retornei para São Carlos e não tive mais sonhos no Sul do país (lembrando que aqui no Norte, Sul do país é tudo que está abaixo de Rondônia). Eu estava toda no Acre. Passei uns meses lidando com a possibilidade de vou ou não vou e vim e fiquei. Moro há 21 anos em Rio

Branco, em uma vizinhança quase toda de descendentes de seringueiros e agricultores da floresta. Pessoas tão ricas quanto à terra que habitam. Pessoas que não se sabem apartadas da terra que habitam. O povo-floresta, como diz a Eliane Brum (2021). Sempre fui um deles, sempre me soube gente-terra no pequeno sítio em que vivi minha infância e primeira juventude, só não sabia que tinha descendência da floresta, como todos nós brasileiros temos, já dizia Viveiros de Castro: “no Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é” (2007:146).

Acreana de coração

Pensar que, de acordo com a arqueologia recente, a Amazônia é ocupada por humanos há cerca de oito mil anos, e é a partir da Amazônia que o restante do Brasil e países vizinhos foram também sendo ocupados. Após a invasão europeia, a população originária foi sendo exterminada e um discurso de “ausência” e de “vazio” foi paulatinamente ganhando força a partir dos relatos de naturalistas e historiadores. O arqueólogo Eduardo Neves (2021:182) deu o nome de “princípio da incompletude” a esse discurso de que sempre falta algo à Amazônia: “desde o século XVI, o uso da preposição ‘sem’ tem sido utilizado com frequência para designar os povos e a natureza aqui encontrados pelos europeus”. Se não é o espaço que está sem gente, é a gente que ocupa o espaço que é sem lei, sem rei, sem fé, sem roupa, sem inteligência, sem cultura. E é incrível como esse discurso ainda prospera no século XXI apesar de toda a tecnologia de comunicação contemporânea. Discurso que alimenta a política desenvolvimentista e justifica o desmatamento, genocídio e exclusão da região norte da sociedade brasileira.

Quando cheguei ao Acre, logo comecei a trabalhar e estudar. Minha primeira formação foi em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia. Iniciei o curso na Universidade Federal do Acre no mesmo mês que comecei a trabalhar como assessora da Organização dos Professores Indígenas do Acre (OPIAC). Vivi um grande conflito durante toda a graduação. Meus chefes imediatos eram os professores indígenas Isaac Piyãko e Joaquim Maná, o primeiro Ashaninka e o segundo Huni Kui. Fazer a ponte entre toda a teoria social e antropológica que me chegava na academia e os diálogos e vivências com esses professores e suas comunidades me parecia tarefa impossível. Quase desisti da faculdade, mas não tive coragem, pois já havia desistido anos antes da faculdade de Psicologia (no terceiro ano, enquanto ainda morava em Bauru). Minha sorte foi ter encontrado uma professora de Antropologia, Mariana Pantoja, que pesquisava e desenvolvia diversos trabalhos na região do Juruá. Na época ela estava fazendo doutorado e era orientanda do Mauro Almeida, esposo e companheiro de pesquisa de Manuela

Carneiro da Cunha, que afirma em seu livro *Cultura com aspas* (2006:313): “A política acadêmica e a política étnica caminham em direções contrárias. Mas a academia não pode ignorar que a ‘cultura’ está ressurgindo para assombrar a teoria ocidental”. E foi nesse movimento de ressurgimento da “cultura” dos povos da floresta e de assombro da teoria ocidental que me formei antropóloga na academia e na prática com os professores indígenas, tornando possível o que eu achava quase impossível. Assisti e participei de uma luta ideológica, ontológica e política bastante acirrada a favor dos direitos indígenas, sobretudo com o advento da escolarização ocidental invadindo as aldeias com suas cartilhas de abc. Essa organização não governamental (ONG) em que eu trabalhava defendia (e defende) a educação escolar bilíngue, com currículo e calendário próprios de acordo com cada cultura, ou melhor, “cultura”. Depois participei de diferentes momentos da luta por direitos em Reservas Extrativistas (Resex) em toda a Amazônia. Foi trabalhando nas Resex que pude conhecer o caboclo. Aqui o indígena é chamado de caboclo, mas a pessoa criada na floresta, com ou sem (se é possível) descendência indígena, é também cabocla. Enfim, com descendência de floresta, digo eu. Percebi que os caboclos não indígenas eram muito parecidos com os meus vizinhos da cidade, meus vizinhos de Rio Branco. Quanto mais os fui conhecendo, mais histórias da floresta todos tinham para contar. Se havia algum parentesco com indígenas, com muita vergonha alguém deixava escapar. A descendência indígena ainda é vista com muito preconceito nas cidades. Mas para mim os caboclos que chegaram e se formaram durante os ciclos da borracha, sobreviventes de um modo de escravidão “diferenciado”, eram grandes exemplos de gente guerreira. Imagine que eles não tinham os mesmos conhecimentos que os indígenas para sobreviver na mata. Não tinham parentes por perto e não podiam contar com ninguém. Estavam à mercê da sorte, jogados numa floresta que pensavam ser paraíso aos moldes da terra pronta para a agricultura. Tiveram que aprender à força, fazer suas alianças com os indígenas e, sobretudo, se entregar à floresta para que ela os ensinasse e desse condições de sobrevivência a eles. Esta admirável categoria de gente, chamada de seringueiros e, posteriormente, de extrativistas, povos tradicionais, ribeirinhos e várias outras denominações, criou sua própria ontologia forjada pelas relações, com o ambiente e demais seres, necessárias para sua sobrevivência.

Os caboclos, juntamente a uma variada gama de povos do mundo todo, formaram o Acre e lutaram para que esse território fizesse parte do Brasil e se tornasse estado. Durante a febre pelo ouro vegetal – o látex das abundantes seringueiras desta região – no final do século XIX, a Amazônia ocidental recebeu de migrantes nordestinos e brasileiros de todas as regiões, a missionários franceses, alemães, comerciantes portugueses, italianos, espanhóis e sírio-

libaneses, entre inúmeros outros, sempre com a predominância dos brasileiros. “Em menos de vinte anos o Acre se transformou, de território exclusivamente indígena, em verdadeiro resumo do mundo”, como afirma o historiador Marcos Vinícius das Neves (2018:95).

Divisor é um estudo da vida cabocla, é uma tentativa de expressar alguma admiração por eles em meio à imensa admiração e gratidão que sinto. O “resumo do mundo”, tão bem colocado por Neves, para mim abarca dois sentidos da palavra mundo de acordo com o Houaiss: mundo no sentido de “totalidade das pessoas, humanidade”; e mundo no sentido de “universo de todas as realidades existentes ou imaginadas”. *Divisor* nasce do resumo do mundo, no segundo sentido da palavra.

1.2 O buraco da Central

Nesse tempo do mil réis, tempo do tostão, botaram aquela caldeira tocada à lenha e furaram que deu aquele buraco, ali na Central, era um movimento medonho, tinha trator, tinha caminhão, dois batelão grande de 6, 8 tonelada, no tempo da guerra, uma despesa medonha pra procurar petróleo.

Seu Bolota

Inverno de 2002: era a minha segunda vez no Acre. A primeira foi em pleno verão (período escasso de chuvas, entre maio e outubro), sofri com a quentura, consegui ir pra floresta com Yamari, um amigo txai (termo em Huni Kui que significa algo como “cunhado”, mas que se popularizou no Acre como modo de se referir uns aos outros na relação entre indígenas e não-indígenas), mas não a uma aldeia, que era o objetivo. No final do ano voltei, já no inverno, com muita chuva, mormaço e o sonho em pé. Fiquei sabendo de um curso de formação de professores indígenas que se iniciaria em janeiro de 2003. Fui até à Comissão Pró-Indígena do Acre (CPI/AC), me apresentei e perguntei sobre a possibilidade de algum trabalho voluntário. O rapaz que me atendeu, disse para eu voltar no dia seguinte para falar com a coordenadora. No dia seguinte, não havia ninguém lá, já estavam todos no centro de capacitação, somente um txai, já de saída, se dispôs a me ouvir. Comentei sobre o voluntariado. Ele perguntou se eu queria trabalhar, confirmei que sim. Ele era Joaquim Maná, professor Huni Kui e coordenador da OPIAC, que estava sem secretária, e eles estavam precisando de uma. Perguntou se eu topava. Confirmei na hora. Na semana seguinte, conversei com a coordenação da CPI/AC e fiquei meio período com a OPIAC e meio período com a CPI/AC. Para preencher o dia por completo, à noite iniciei o curso de Ciências Sociais com habilitação em Antropologia na

Federal do Acre. Três meses depois, retornei a São Paulo somente para trazer minha mudança para Rio Branco. Naquele período, a coordenação da OPIAC passou para o Isaac Piyãko, que foi meu chefe direto durante um ano e meio.

A primeira aldeia que conheci foi a de Isaac, aldeia Apiwtxa do povo Ashaninka, extremo oeste ao sul do Acre, fronteira com o Peru. Enfim, sonho realizado! Trabalhava diretamente com pessoas incríveis, de uma diversidade e riqueza cultural que alguns anos antes eu não fazia ideia da existência. Afinal, parte da minha tosca e quase nula formação sobre a região Norte e sobre a Amazônia era composta pela voz do Sérgio Chapelin ecoando aquela narração amedrontadora: “os perigos da selva amazônica”, em reportagens cheias de estereótipos embasados no princípio da incompletude. Ignorância que foi rapidamente sendo sanada com o convívio com os professores bilíngues ou políglotas, carregados de boas histórias e um humor inigualável.

No ano seguinte, 2004, fomos à trabalho para a terra indígena Nukini, também no extremo oeste, mas ao norte do Acre, fronteira com Peru e Amazonas. Toda essa região pertence à bacia do rio Juruá, afluente do Solimões. O Parque Nacional da Serra do Divisor é uma Unidade de Conservação vizinha à Terra Indígena Nukini, onde estávamos hospedados. Ao final da semana de trabalho, nossos anfitriões nos levaram para conhecer as redondezas, foi quando conheci o buraco da Central. Era um ponto turístico a uns cem metros da margem do rio Moa, onde havia um buraco aberto nos anos 1930 por máquinas para prospecção de petróleo. O furo atingiu um lençol freático de água sulfurosa e quente que passou a ser jorrada às alturas constantemente. Colocaram uma pedra enorme dentro para amenizar a força da água, que se escoava até o rio Moa. Ao seu redor, havia inúmeras evidências dos maquinários utilizados para a perfuração, como caldeiras de ferro, abandonadas em meio à floresta nesta região. Este cenário me deixou muito curiosa. Tentei saber mais sobre a história do lugar e poucos souberam me contar. O seu Bolota, nosso anfitrião nos Nukini, um morador muito antigo, me deu mais detalhes, falando sobre um acampamento que ali havia no período da segunda guerra mundial. Contou muitas histórias sobre as grandes embarcações que navegavam no Moa, trazendo equipamentos e muitos trabalhadores. Contou causos dos soldados da borracha e das propagandas pregadas em todos os barcos que navegavam por lá.

Quando retornei a Rio Branco, fui logo procurar um amigo historiador com a certeza de que ele saberia me contar essa história do acampamento naquelas bandas. Não sabia quase nada, comentou sobre a prospecção de petróleo na região, mas não tinha maiores detalhes. Fiquei muito cismada, comecei a procurar, pesquisar e não encontrava quase nada a respeito.

O tempo foi passando, saí da OPIAC para trabalhar num projeto onde deveria ficar seis meses dentro da floresta com um grupo de pesquisadores. Meu jovem espírito aventureiro não resistiu à oferta e se embrenhou numa colocação dentro da Reserva Extrativista Chico Mendes, na bacia do rio Acre, fronteira com Peru e Bolívia ao sudeste acreano. Morar numa legítima casa de seringal, feita de paxiúba, coberta de palha, com jirau, fogão à lenha e vertente foi uma experiência profunda, onde nossos vizinhos mais próximos ficavam a trinta minutos de caminhada para a esquerda e uma hora e meia de caminhada pra direita. A partir dessa experiência, passei a trabalhar como consultora em desenvolvimento de projetos socioambientais em terras naturais protegidas na Amazônia. Viajei muito de barco, dormi um bocado em rede, tomei água de diferentes rios e igarapés, atravessei muita pinguela (ponte improvisada com um tronco de árvore) e varadouro (trilha aberta com terçado dentro da mata).

Ouvi muitas histórias. Muitas histórias. Vi e vivi coisas que fogem às palavras e muitas, senão todas, parecem ficção. Algumas nunca ousei contar, pois se contasse ninguém acreditaria, não por serem estapafúrdias, mas, principalmente, por pertencerem a um local e modo de se viver que foram esquecidos (pra não dizer dizimados) pelo modo de vida urbano. A urbanização transformou uma genuína e necessária forma de se relacionar com o mundo em folclore, em mito, em causo, conversa pra boi dormir, papo de índio, lenda e outros tantos termos dos figurativos aos pejorativos. A ciência cartesiana manifestando sua soberania (assunto a ser desenvolvido no capítulo 2 deste trabalho).

Pensei numa solução: escrever ficção. Uma forma de contar algumas histórias sem o compromisso com a realidade dos fatos. Apesar de até então não ter mais visitado a Serra do Divisor, a história do vilarejo tomado pela floresta ainda me chamava a atenção. A ideia de reversão da urbanidade me cativava num período que ia vendo paulatinamente o avanço das cidades na floresta e o aumento da periferia urbana nas cidades com a vinda da população florestal. Essa população sempre sendo cada vez mais ridicularizada por seus hábitos, reprimida em seus saberes e humilhada pelos cidadãos civilizados, por julgar que suas vestes são mais adequadas, sua fala correta e o domínio da escrita no topo da pirâmide do sucesso em chão de asfalto e paredes de concreto. O velho hábito colonizador, afinal. Imaginar o acampamento construído na floresta, que, segundo seu Bolota, havia um centro médico ali instalado, onde vinham pessoas de diferentes localidades vizinhas para se consultarem, havia um comércio e inevitavelmente um padre para realizar batismos e casamentos. Era uma espécie de vilarejo que de tudo sobrou o buraco e as ferragens entremeadas a árvores e plantas de todos os tipos e tamanhos. Graças a ausência do petróleo. Há evidências de outras localidades no Acre e em

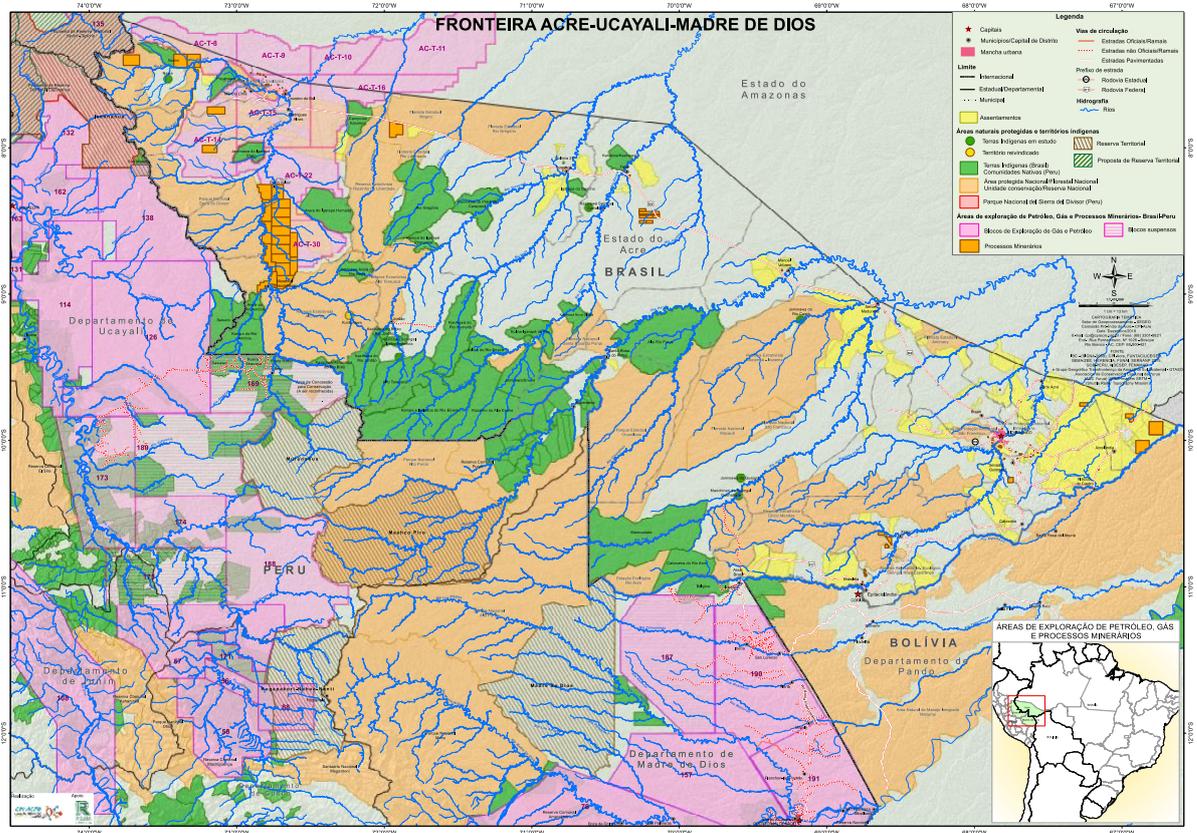
toda a Amazônia destes tipos de vilarejos que foram retomados pela floresta. No Amazonas há um vilarejo jesuíta que data do século XVII, onde é também possível ver as ruínas que sobraram espalhadas por uma frondosa mata em crescimento contínuo. De acordo com Eduardo Neves (2021), a Amazônia é um grande sítio arqueológico, com cerca de seis mil sítios catalogados (por enquanto). Evidências de vilas com seus aparatos civilizatórios que sucumbiram à floresta não é nenhuma novidade, apesar de ser um estudo recente pela arqueologia e antropologia.

A mesma sorte não pairou em outras regiões da Amazônia, onde foi de fato encontrado petróleo e pequenas aglomerações urbanas, em meio à floresta, instaladas. O petróleo não é o único minério a ser explorado, o garimpo vem dizimando rios, fauna, flora e gente, muita gente da floresta. O mesmo ocorre com a construção de madeireiras e hidroelétricas. Enfim, isso já é bem noticiado e está na pauta das discussões ambientais pelo mundo. Voltando ao meu pequeno pedaço de floresta em pé, no extremo oeste do Brasil, onde as fronteiras não são precisas, cujos moradores locais distinguem se é Brasil ou Peru pelo sabor da água do igarapé, escolhi ambientar a história da Ana. Ana Hévea, nome da seringueira (*Hevea brasiliensis*) plantada pelas mãos de seu avô no dia de seu nascimento.

Não sabia nem como começar a contar essa história. Sabia que queria o buraco da Central ali, o furo que saiu pela culatra. A cidade revertida, invadida pela floresta e a utopia (ou sonho, desejo?) da ontologia florestal atravessando, transpondo a ontologia urbana ocidental. Também queria, é claro, a voz dos moradores locais. Nunca me senti capaz de colocá-los como narradores protagonistas, por incapacidade mesmo. Também sei que os leitores, em sua maioria, são urbanos, colocar a urbana Ana como narradora, contrapondo seu mundo concreto com a floresta, poderia talvez gerar maior empatia.

Retornei ao Juruá anos depois, após passar uns dias na Serra do Divisor, visitar moradores do pé da Serra, bater papo e pegar uns contatos, consegui encontrar um filho do seu Bolota em Cruzeiro do Sul e fui visitá-lo em Mâncio Lima – município vizinho. Seu Bolota estava com malária, deitado numa rede em tratamento. Ainda assim, fez questão de me receber e contar todas as histórias novamente. Desde então, passei a pesquisar muito sobre a região, já era formada em antropologia e havia começado a graduação em letras e fui estudando a maneira de escrever um romance ambientado na Serra do Divisor. No entanto, a rotina de consultora socioambiental, aluna de graduação, revisora, mãe e pau pra toda obra foi deixando a escrita de

lado em favor da rotina diária. A oportunidade do mestrado me deu novo estímulo e segui a narrativa desde o buraco da Central.



Mapa com áreas de exploração de petróleo, gás e processos minerários (2018)
Fonte: Comissão Pró-Índígena do Acre

1.3 O colchão e a ilusão etnocêntrica

Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos.

Ailton Krenak

Era de casal e com uma madeira no meio o colchão, desses ortopédicos. Era muito pesado, não sei porque meu companheiro na época, doravante denominado ex, insistiu em levá-lo pro seringal. Eu não via problemas em dormir em rede. Era meio de verão, fomos de mudança num caminhãozinho com muitas das nossas coisas básicas do dia a dia e o tal colchão, destoando completamente na cena de uma mudança para o meio da floresta, também ideia do ex. Um casal de amigos, anfitriões do projeto que iríamos apoiar, já estavam instalados na colocação São Pedro, Seringal São Francisco, na Reserva Extrativista Chico Mendes, lá no município de Assis

Brasil, fronteira com Peru, ao sul, na bacia do Purus, nascente do rio Acre. Longe. Só dava pra chegar a pé. O ramal, estrada de terra a partir do município, acabava na casa do seu Raimundo e de lá o acesso era por varadouro cerca de uma hora e meia de caminhada a depender da altura do igarapé que se atravessava por pinguela. O idealizador do projeto estava na casa do seu Raimundo nos esperando e lá desembarcamos a mudança. Aquele monte de mercadoria, em sua maioria desnecessária pra quem ia trabalhar na floresta com Sistema Agroflorestal. Eu era só uma consultora, que cuidaria da relatoria e articulação institucional do projeto. Estar integralmente em campo era desnecessário, mas eu queria ter a experiência de viver na floresta aos modos antigos.

Mas o colchão era descabido. O ex era forte e falou: deixa que eu levo! Bora fulano, convocou um rapaz novo que acabara de conhecer e tinha se oferecido pra ajudar. Saíram atrás do burrico que levava mantimentos e um touro emprestado pelo seu Raimundo, que fez questão de colocar uns dois genros pra acompanhar os animais e ajudar no carregamento da tralha toda.

Eu, apesar de entusiasmada com a mudança e a novidade por vir, comecei a sentir uma vergonha tímida brotando dentro de mim e, confesso, ela só aumentou e ainda hoje a sinto se revirando no meu âmago toda vez que lembro da imagem do baita colchão sumindo varadouro a dentro. Segui atrás com minha mochila pesada. O sol estava tinindo quando a mata fechou e ficamos somente naquela trilha sombreada pela mata densa. O sol esfriou, mas a umidade foi acochando o calor a cada passo. A primeira parada do colchão foi pra a travessia do igarapé, que estava baixo. Os animais atravessaram por dentro da água, e o colchão eu não sei exatamente como eles fizeram, não me recordo, pois eu estava muito concentrada para atravessar a pinguela com a mochila pesada e devo ter passado à frente sem olhar pra trás. Era patético, o colchão era maior que o touro e se ele começou pesando 50 kg, deveria já estar pesando 175 kg, pois eles paravam pra descansar a cada trinta passos. Os homens acompanhantes mandados pelo seu Raimundo se compadeceram do ex que já havia suado toda água do corpo, suas olheiras chegavam ao queixo, a roupa estava imunda, as barras da calça eram os próprios sapatos, mas com um sorriso impagável de quem estava carregando algo fundamental para o bem-estar da comunidade e dos povos da floresta por gerações. Ai, como eu era tola! (a vergonha tinha fundamentos muito mais profundos) e eu sorria de volta: nossa, como ele é determinado! (com um suspiro no final e certa desconfiança). A tal uma hora e meia de pés levou quase três horas pra chegar na casinha de paxiúba que seria a nossa morada nos próximos meses.

Conto este caso verídico vivenciado por mim nos idos de 2004 para ilustrar algo que o escritor Antonio Alves afirma como uma premissa no seu livro *Política Zero* (2012:7): "o antropocentrismo não é um erro que deva ser punido, é uma ilusão que pode ser superada". Acrescento que, da mesma forma, o etnocentrismo é uma ilusão de igual proporção e que também pode ser superada. Aliás, o etnocentrismo é filho do mesmo engano.

Algo que me chamou atenção na patética cena da mudança do colchão ortopédico, foi o fato dos homens, que nos ajudaram com a mudança e auxiliaram o ex exausto a carregar o trambolho, não demonstrarem uma vírgula de estranhamento com o feito. Eles riam, vez ou outra, junto com a gente por alguma piada solta pelo ex, que buscava constantemente naturalizar o absurdo, mas em nenhum momento expressaram qualquer julgamento. Bom, esse foi o início de um período de quase seis meses que passei na floresta, no desenvolvimento de um projeto que tinha muitas falhas em sua concepção, sendo a principal, a falha etnocêntrica. Essa ilusão faz com que a pessoa, constituída por uma determinada cultura, um modo de estar no mundo, seus costumes e valores, acredite fielmente que é o modo correto de se viver e que os demais modos ou são errados ou ignoram o correto, coitados, por isso agem como agem, são como são.

Acompanhei inúmeros projetos socioambientais na Amazônia embebidos na ilusão etnocêntrica, muitos fadados ao fracasso, pois bater na casa do outro para apontar-lhe o erro e dizer como deve corrigi-lo é, além de mal-educado, de uma prepotência da mesma grandeza da prepotência antropocêntrica. O homem não é o centro do universo, assim como a cultura ocidental, urbana, acadêmica, branca, classe média e heteronormativa não é única no mundo, e ambas as ilusões são estruturais. Em cada experiência na floresta, com as pessoas com as quais convivia, pude paulatinamente ter consciência sobre as inúmeras impregnações etnocêntricas que me constituíam e de como era bom perceber isso e buscar me modificar. Ter morado na floresta foi essencial, pois ela mesma é a professora com seus inúmeros seres que não estão à serviço da humanidade e sim à serviço dela, assim como nós humanos deveríamos estar servindo a essa mentora para que ela nos conduza à nossa própria percepção de quem somos e a que viemos.

Nosso colchão ortopédico ficou lá. Quando precisamos retornar da floresta, já com o inverno bem instalado, descobrimos que se não saíssemos logo, deveríamos esperar o inverno findar, pois o igarapé São Pedro subiu tão rápido, que a pinguela ficou submersa. As margens se alargaram e a correnteza era muito forte, não era possível atravessar nem a nado. E dentro da floresta densa chove e chove muito e todos os dias. Confesso que fiquei bem preocupada de não conseguir voltar. Detalhe: não havia comunicação, nenhuma. Nem internet, rádio, telefone,

nada. Precisei me comunicar com a floresta e seus seres e pedir ajuda. E esperar. Em cerca de uma semana, a chuva diminuiu e o igarapé baixou de forma a ficar com a pinguela um palmo acima das águas, dando para atravessar num sufoco medonho. Trouxe apenas a mochila pesada, com uma boa dose de vergonha entranhada. A tralha toda ficou para trás, assim como grande parte da minha ilusão etnocêntrica.

Essa boa desilusão levei pra Ana. A ponte, ou melhor, a pinguela Londres-Acre não é a minha história, mas é uma história sobre a desilusão necessária para ela se lembrar de onde veio. Sua perda de memória é ancestral.

1.4 O luto

Há um rio que atravessa a casa. Esse rio, dizem, é o tempo. E as lembranças são peixes nadando ao invés da corrente. Acredito, sim, por educação. Mas não creio. Minhas lembranças são aves. A haver inundação é de céu, repleção de nuvem. Vos guio por essa nuvem, minha lembrança.

Mia Couto

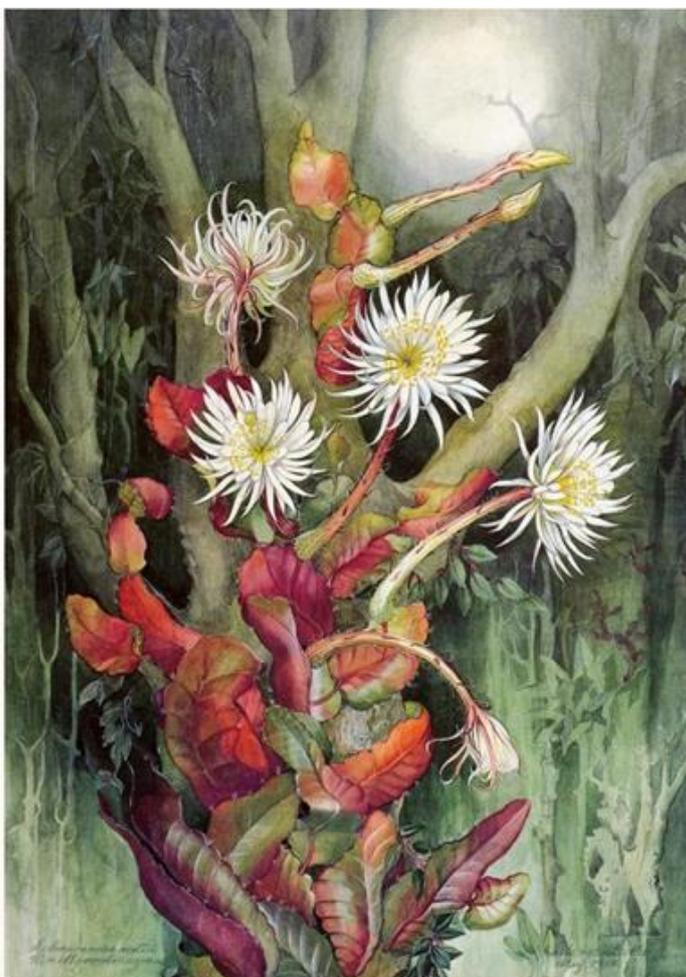
O principal motivo da perda da memória da protagonista Ana Hévea é a morte do avô. Esse avô era seu melhor amigo, seu confidente, seu professor de “insignificâncias”, como diria Manoel de Barros. Aquele homem meio gente meio planta meio pássaro. De poucas palavras, muitas risadas e ouvidos generosos. Não me inspirei em ninguém muito conhecido para a construção desse personagem, ele é um *pot pourri* de diferentes pessoas-poemas que conheci ao longo da vida. Ele é o porto seguro de Ana, aquele a quem se socorrer num caminho perdido nos varadouros da existência, mesmo que este vô tenha sempre demonstrado que o tal porto seguro está dentro dela mesma e não fora. Portanto, ter presenciado a morte súbita do avô foi um golpe tão duro que preferiu ter esquecido assim que teve oportunidade psicológica para isso.

Durante a escrita da narrativa, essa relação com o avô foi pouco desenvolvida, tive bastante dificuldade de escrever sobre o luto numa circunstância dessas. Minha experiência pessoal mais forte com o luto havia sido a despedida da minha avó, que é alguém que ocupa um local de afeto tão forte quanto minha mãe em meu coração. Mas sua ida, de certa forma, também trouxe um alívio, pois ela já estava com a idade avançada e num estado de saúde bastante delicado entristecendo os familiares em vê-la naquela situação. Sua viagem foi aos poucos, com tempo para a despedida e aceitação por parte de todos, apesar da tristeza inerente às despedidas da matéria. Eu buscava, então, ouvir relatos de lutos vivenciados por outras

pessoas, pelos quais eu pudesse compreender melhor esse processo e tentar elaborar o luto da Ana Hévea, que eu sabia ser muito difícil e pesado para essa personagem.

O que eu não sabia é que eu mesma iria passar por essa experiência recentemente, durante o processo de redação desta dissertação e da narrativa em paralelo. Após ter uma semana confusa, com noites mal dormidas e muitos sonhos com velórios, recebi a notícia abrupta, numa tarde de sexta-feira, que minha mãe, uma jovem senhora saudável, que estava com a passagem só de ida já comprada para sua mudança aqui para minha casa, acabara de falecer de morte súbita. Um suspiro forte enquanto tomava um café da tarde com sua melhor amiga e se foi. E eu fiquei. Ficamos todos. Eu cá sentada em seu quarto arrumado à espera da chegada definitiva há anos desejada. Conheci, enfim, o tal luto que eu custava a entender. Ainda estou no processo e não consegui elaborá-lo para a Ana, nem pra mim mesma. A travessia é longa e solitária. Mas posso garantir que mais uma camada dessa personagem se adensou fortemente em mim e nela. Em nós, criador e criatura. Ana não sou eu, Ana é uma criação, e até mesmo meu processo de luto, transposto à narrativa, é criação, pois é tão íntimo e imbricado em minhas relações pessoais, que é impossível ser traduzido numa versão mesmo que autobiográfica ou autoficcional. Algo que discutirei no segundo capítulo.

II. O processo



Flor da Lua - Margaret Mee

Não estamos atrás de explicações, mas sim de compreensão e, para isso, o contexto, a conexão, a relação e o campo invisível são importantíssimos. Tal compreensão demanda uma disposição de espírito apreciativa, e não cética. Sem isso, ela não é alcançável.

Allan Kaplan

Neste capítulo trago parte dos estudos feitos para o desenvolvimento do romance. Alguns são frutos das disciplinas cursadas durante o mestrado e outros são pesquisas iniciadas nas primeiras investigações para a escrita do romance, que foram sendo ampliadas ao longo dos anos e lapidadas para a escrita da dissertação.

2.1 Autoficção, autoetnografia, escritas de si, escritas de mim, euscritas

Ficção é como uma teia de aranha presa por muito pouco, mas ainda assim, presa à vida pelos quatro cantos. Muitas vezes estar preso é quase imperceptível.

Virgínia Woolf

Autoetnografia vem do termo etnografia, cunhado pela Antropologia Social a partir das pesquisas feitas por Malinowski (1884-1942) através do que ficou conhecido como observação participante. Esse é o método fundamental da Antropologia para investigação de campo, cujo pesquisador passa a viver com seu objeto de pesquisa, ou seja, a partir da convivência e participação nas atividades cotidianas do grupo em que está inserido, o etnógrafo descreve minuciosamente tudo o que observa, buscando manter o maior distanciamento possível de juízos de valor.

Fiz algumas etnografias ao longo das minhas atividades de campo; muitas ficaram em meus cadernos, sendo utilizadas apenas partes para um relatório técnico ou o planejamento de ações para os projetos em que trabalhei, outras viraram TCC e artigos. E a maioria não sistematizei, não escrevi, não anotei. Vivi apenas, estive com outros sujeitos sem objetos, convivendo e aprendendo um pouco e desaprendendo muito. Anna Tsing (2015) chama isso de “arte de perceber”. Nesses encontros pude me modificar aos poucos, assim como minhas personagens vão se modificando com as minhas experiências e com as delas.

A autoetnografia soma o prefixo “auto” à etnografia, resultando na etnografia de si mesmo. Diferentemente da biografia, a etnografia ocupa-se menos dos fatos concretos e cronologias e mais dos aspectos culturais, sociais, crenças, costumes e valores de seu objeto. A autoetnografia, por sua vez, funde o sujeito ao objeto, resultando da investigação e interpretação das próprias atitudes dentro de um sistema sociocultural e identitário específico. Não à toa, a autoetnografia surgiu na virada para o século XXI como método de pesquisa nas ciências humanas, sobretudo por indivíduos representantes de minorias identitárias, defendido até mesmo como método contra-hegemônico de produção científica (Chang, 2008; Holt, 2003; Miranda, 2022; Reeddanahay, 1997; Versiani, 2005).

Para a Teoria Literária, a autoetnografia venha talvez dar outro corpo à autobiografia, invadindo o campo da ficção. Questões de linguagem e do próprio imaginário construído (ou recordado) pelo autor talvez revelem o universal no particular, dando o tom ficcional, e o que há de biográfico acabe se diluindo na narrativa. Muito semelhante, o termo autoficção resvala

pelos mesmos conceitos (ou problemas de conceituação) acerca das “escritas de si”, que soma títulos na ficção contemporânea, repleta de “eus”. Títulos como *O pai da menina morta*, de Tiago Ferro, *O filho eterno*, de Cristóvão Tezza, *Diário da Queda*, de Michel Laub, circulando apenas entre brasileiros, são alguns exemplos.

No entanto, a autoetnografia se propõe diferente da autoficção. No ano de 2022, um frenesi no mundo literário trouxe o termo à luz das discussões para além da metodologia científica. O prêmio Nobel de Literatura ter agraciado a escritora francesa Annie Ernaux, com sua obra toda em primeira pessoa, percorrendo sobre eventos de sua vida particular, suscitou o questionamento sobre as escritas de si: é autobiografia ou autoficção? A autora afirmou se tratar de autoetnografia. Nada de ficção, apenas fatos de um eu emocionalmente distanciado, porém poeticamente escrito. Talvez uma diferença entre Ernaux e seus colegas das escritas de si, seja que toda sua obra é autoetnográfica. E nada melhor do que um prêmio Nobel para fincar o termo no arsenal de gêneros literários e validá-lo entre os escritores contemporâneos, circunscrevendo, quiçá, a autoetnografia na produção literária para além de um método, mas sim um gênero.

Num curso livre ofertado por um grupo volumoso de professores durante o mestrado, tivemos a oportunidade de discutir bastante sobre as escritas de si, tendo justamente Annie Ernaux como pivô da discussão. Ouvi atenta as ponderações dos professores e colegas da pós-graduação para entender onde se encaixaria meu romance *Divisor*, mas prefiro me abster e não o classificar como isto ou aquilo, mesmo porque ainda não está pronto. Mas posso afirmar com segurança que se trata de uma narrativa ficcional em primeira pessoa livremente inspirada em algumas vivências minhas. Todas as personagens foram criadas por mim e se apresentam entre os “enchimentos” da narrativa, para citar Franco Moretti (2009), ou seja, no simples cotidiano de pessoas comuns. Esse é o próprio exercício etnográfico; no caso do *Divisor*, as banalidades cotidianas das personagens na floresta conversam com perspectivas ontológicas diversas, também fruto de exercício etnográfico.

Divisor ficciona e é um romance. É um romance sob a perspectiva bakhtiniana, cujo homem é representado através de sua experiência pessoal num presente em devir. A memória é particular e histórica, reveladora da incompatibilidade e discrepância entre os diversos aspectos de ser e estar no mundo. Neste sentido, o romance pode tratar de diferentes assuntos com grande variação de profundidade entre eles. Para Bakhtin (2019), o estudo do romance é complexo como ler o presente em constante evolução, pois é o gênero da proximidade, do contato e do inacabado, assim como é a realidade. E as transformações pelas quais o romance

se permite passar são as mesmas da atualidade, que segue se desenvolvendo de acordo com as exigências, lucidez e espírito crítico da sociedade em formação e transformação diária. O romance, assim como a língua que está na boca do povo, é sujeito à vida, portanto vivo e em evolução. *Divisor* é um romance em devir.

2.2 As personagens

Tão abstrata é a ideia do teu ser
Que me vem de te olhar, que, ao entreter
Os meus olhos nos teus, perco-os de vista,
E nada fica em meu olhar, e dista
Teu corpo do meu ver tão longemente,
E a ideia do teu ser fica tão rente
Ao meu pensar olhar-te, e ao saber-me
Sabendo que tu és, que só por ter-me
Consciente de ti, nem a mim sinto.
E assim, neste ignorar-me a ver-te, minto
A ilusão da sensação, e sonho,
Não te vendo, nem vendo, nem sabendo
Que te vejo, ou sequer que sou, risonho
Do interior crepúsculo tristonho
Em que sinto que sonho o que me sinto sendo.

Fernando Pessoa

Verão de 2000: concerto de Hermeto Pascoal no Barbican Centre em Londres. Dia 06/07/2000. Esse foi o dia em que Ana e Leo se conheceram. Ana havia chegado atrasada e não sabia se o show já tinha terminado. Viu uns rapazes falando português. Leo estava com amigos no saguão e foi abordado por Ana perguntando sobre o concerto. Leo a convidou para se sentar ao lado dele e desde então seguiram a vida juntos. Esta é a sinopse de um conto que escrevi muitos anos antes de eu iniciar a narrativa *Divisor*. As personagens Ana e Leo saíram deste conto.

Quando morei em Londres no ano 2000, frequentei muito o Barbican Centre (sala de concertos e centro cultural londrino), e os concertos sempre tinham intervalo, coisa que eu achava estranha e ficava imaginando histórias, isso somado às muitas horas de metrô e ônibus que eu pegava diariamente, num tempo em que não havia smartphones para tirar o foco da observação do mundo ao redor. No entanto, nessa época eu só escrevia cartas, nunca havia escrito nenhuma narrativa. O conto “Hermeto” foi um dos primeiros que escrevi, quando comecei a me enveredar no campo da ficção para além das cartas e blog.

Quando já morava no Acre, antes de eu resolver fazer Letras, fiz um semestre de Artes Cênicas. Numa aula sobre criação de subtexto de personagens pra dramaturgia, trouxe a Ana

para explorar possíveis camadas desta personagem, depois fiz o mesmo com o Leo. No entanto, desloquei essas personagens do ambiente londrino e as coloquei na floresta, já no intuito de levá-las para o *Divisor*, lá no Buraco da Central, começando a delinear o que viria a ser a narrativa. Com o desenvolvimento da história, Ana se distanciou muito da sua primeira versão, e Leo, totalmente. A princípio eu imaginava que eles também seriam um casal no *Divisor*, mas a narrativa foi pegando outro rumo e essa hipótese desapareceu, surgindo Simon como o par romântico de Ana.

Da mesma forma, no projeto inicial do romance, o ambiente seria apenas a floresta amazônica na região da Serra do Divisor. Com a evolução da narrativa, incluí o ambiente de Londres, onde Ana vive por 7 anos antes de ir para o Acre. Obviamente escolhas feitas para a protagonista Ana têm inspiração livre nas minhas vivências pessoais em Londres, sabendo que a minha memória já bagunçou bastante as lembranças que tenho dessa época, mas que vêm muito a calhar para a protagonista, que tem como principal conflito a perda da memória causada por um acidente. Este é outro fato que se liga, de certa forma, a minha própria vivência.

Quando jovem, ainda morando em Sorocaba, tive um namorado que sofreu um acidente de bicicleta e perdeu a memória temporariamente. Neste período de amnésia, ele esqueceu quem eu era, e isso foi muito marcante pra mim, pois eu não conseguia entender como ele se lembrava do endereço onde morava, mas não se lembrava da namorada (!?). Portanto, apesar da perda de memória ser um clichê de muitas narrativas melodramáticas, no meu caso eu havia vivenciado uma experiência concreta de um fato verídico, peculiar e emocionalmente complexo, com muitos desdobramentos posteriores.

A perda de memória é também uma deixa para a camada mais profunda na narrativa e no arco evolutivo de Ana: as percepções ontológicas a serem resgatadas pela personagem. O intuito é mostrar que Ana não está descobrindo um mundo novo através de uma outra cultura, mas sim recordando de algo intrínseco a si. Reconhecendo a si no outro, sendo esse outro aparentemente tão diferente e desconhecido. Aí é que entram Marcilene, Amarildo e as demais personagens da floresta, incluindo as plantas e seres com quem Ana irá conviver no Acre. Mas vamos a uma descrição mais metódica das personagens principais.

Ana Hévea

Antecedentes: Quando Ana Hévea tinha 3 anos de idade, seu pai morre por infarto. Ele estava cuidando da filha enquanto a mãe trabalhava. Inconsciente, a mãe culpou a filha pela perda e se dedicou exclusivamente ao trabalho, delegando a criação de Ana aos avós, com quem Ana

criou um forte laço afetivo, especialmente com o avô, um agricultor de café do interior de São Paulo. Em sua primeira infância, o avô a ensina os valores da terra, a comunicação com a natureza e os animais. Esta percepção de mundo faz parte de sua formação, porém é esquecida na adolescência, quando passa a ficar mais na cidade do que no sítio do avô. Ana cresce independente, a exemplo da mãe proativa, mas depressiva. É corajosa, apesar de insegura e oscilante. Decide estudar Letras, seguindo os passos da mãe, que é dona de uma escola de idiomas. Na faculdade, conhece Simon, que se torna seu namorado e grande confidente. Vivem um amor puro e despretenso típico da juventude. Pouco tempo depois de conhecer Simon, o avô de Ana morre em sua frente, o que a faz se sentir culpada pela morte do avô, imaginando que será a acusando de irresponsável por estar fazendo companhia ao avô que já vinha sofrendo de desequilíbrios constantes. Ana se afunda numa grande tristeza, que é remediada pela companhia afetuosa e fraterna de Simon, que consegue convencê-la de que não teve nenhuma culpa pela morte do avô. A segurança de Ana é restaurada e aos poucos começa a amadurecer sua relação com Simon.

Este cenário antecede aos fatos narrados e justifica a grande conexão que Ana terá com a floresta. Primeiramente em Londres, após o acidente, sua conexão com os jardins tropicais no Kew Gardens, que a leva a estudar ilustração botânica, e em seguida o encontro com a floresta em forma bruta no Acre. A vivência na floresta aproxima Ana de sua primeira infância, da conexão com a natureza e com a forma de se ler o mundo, ensinada pelo avô. Na floresta, portanto, ela terá a oportunidade de se conectar com quem ela realmente é, após a grande confusão causada pela perda da memória. Trata-se de uma conexão anímica para além de uma conexão com a matéria.

A história de Ana: Aos 21 anos, sofre um acidente e perde a memória dos 18 aos 21, período em que seu avô morreu em sua frente. Sentiu-se responsável pela morte do avô, mas não se lembra do que ocorreu. Como parte do tratamento para recuperação da memória, Ana vai morar em Londres e decide criar uma identidade fictícia (Ann), com fatos inventados ou omitidos sobre sua vida. Tal investida a deixa ainda mais confusa e ansiosa, tornando-se dependente de medicamentos psicoterápicos ao ponto de não se reconhecer mais. Na faculdade de artes, é estimulada ao estudo de ilustração botânica, que desperta em si algo adormecido. Decide voltar ao Brasil após sete anos fora, quando é convidada para acompanhar um botânico ao Acre numa pesquisa de bromélias na Serra do Divisor. Despida de qualquer intenção de forjar sua identidade, busca incansavelmente descobrir quem é de fato. Sem que imaginasse, o local

começa a despertar algumas lembranças do período esquecido, no entanto revelando fatos perturbadores que a fazem se aprofundar na busca de si mesma.

A questão essencial de Ana, portanto, é a necessidade de resgatar o sentido de sua vida, de entender quem é Ana Hévea e amadurecer sua percepção de mundo através do que realmente acredita, não permitindo que os outros ditem a ela os valores a seguir e as pessoas a quem se conectar. É uma tentativa de tornar consciente seu processo de individuação, que depende mais das lembranças e aprendizados que traz em sua alma do que das lembranças de fatos ocorridos num tempo recente.

Leo

Leonel Rogério, botânico, professor renomado de universidade pública. Reputação no Lattes invejável, mas a vida familiar um desastre. Coleciona pequenas obsessões. Na busca de fuga dos apereios familiares, decide que seu próximo achado botânico será na nascente do rio Moa, no ponto mais ocidental do país. Esta pesquisa estaria ligada ao seu terceiro projeto de pós-doutorado e, para enfeitá-lo ainda mais e na certeza de encontrar espécie inédita, decide pela ilustração botânica *in loco*, por isso convida Ana para acompanhá-lo. Apesar de parecer bastante preparado para a investida, se apresentará como uma péssima companhia para Ana.

Marcilene

É neta de índia pega à cachorro, filha de nordestinos. É anfitriã de Ana e Leo na floresta. Torna-se grande amiga e confidente de Ana. Mãe de quatro filhos, rezadeira e vidente, Marcilene acompanha Ana em suas crises e coopera com decisões importantes para o destino da personagem central. Sua história contém a essência da maioria das mulheres da floresta.

Amarildo

É filho de índios de etnias diferentes. A etnia de seu pai foi dizimada durante o primeiro ciclo da borracha no final do século XIX, a de sua mãe é de índios sem contato da região do vale do Javari. Amarildo é mateiro e guia de turistas e pesquisadores na Serra do Divisor e arredores. Possui muito conhecimento de cura aprendido com sua mãe e é velho conhecido de Leo. Terá papel fundamental para o amadurecimento de Ana.

Simon

É namorado de Ana dos 18 aos 21 anos, justamente no período que ela não se recorda. Ele é peruano, de origem quéchua, e veio para o Brasil com os pais ainda criança. Fica arrasado

por Ana não se lembrar dele após o acidente, mas não desiste até ela o desprezar completamente quando em Londres. Ele é o único que lhe fala todas as verdades ocorridas durante sua desmemória, incluindo sua versão sobre a morte do avô de Ana, que a família esconde dela. Tem um papel coadjuvante, mas é uma chave para o despertar da memória de Ana.

Outras personagens

Mãe, avó, avô, pai, Constanza, noivo inglês, Sue, Tim, Ketylen, Mundinho, Antônio, seu Nonato, comadre Mariinha.

2.3 Universo Cancional do *Divisor*

*Silêncio na mata
A mariposa pousa na flor
Outro silêncio*

Alice Ruiz

Música, poesia e silêncio: fontes inesgotáveis

Eu iria completar 9 anos. Cursava a terceira série do fundamental. Havia recentemente me mudado da casa na cidade para um sítio. Meu pai havia abandonado sua carreira em indústrias mecânicas e decidido voltar a ser agricultor tal qual em sua tenra infância no extremo oeste gaúcho. O lugar era longe da cidade, no interior de São Paulo, não tinha telefone, ônibus, escola, os vizinhos eram distantes, sem crianças por perto, como já mencionado no primeiro capítulo. Eu ficava muito sozinha, mas gostava de ouvir música e dançar.

Um tio colecionador de discos às vezes me presenteava com coletâneas baratas que se repetiam em sua coleção de rock dos anos 1950 e baladas italianas da mesma época. Eu amava. Ouvia à exaustão, junto com alguns discos do Milton Nascimento, Beatles, Saltimbancos e álbuns da Xuxa. Sentia falta de ouvir as novidades do momento, que via na televisão, e de poder gravá-las para copiar as letras e decorar. Pedi para ganhar um rádio-gravador de aniversário. Acho que fazia parte das grandes novidades tecnológicas portáteis dos anos 80. Minha mãe comprou um pequeno da CCE e uma fitas virgens para eu gravar música. Pense numa alegria! Do grupo Dominó à Roxette, eu consumia a cena pop revelada pelas rádios nacionais. Solidão nunca mais. Se eu cansava de brincar de bicicleta pelas curvas de nível barrentas da plantação de feijão, me entocava em meu quarto para ouvir minhas músicas. Com o passar do tempo, o

sítio começou a produzir, e com o dinheirinho que eu ganhava por ajudar meu pai a vender ovos caipira na feira de domingo, eu comprava em fitas virgens para fazer minhas próprias coletâneas de música. Descobri que existiam programas temáticos e logo me filiei a um sobre rock dos anos 60, para além dos discos do meu tio. A rádio atravessou minha infância e me fez companhia nas madrugadas insones.

Aos dezesseis anos, voltei para a cidade com minha mãe e irmão. Numa viagem ao Paraguai com uma prima muambeira, minha mãe me trouxe um play-system da Panasonic, chiquérrimo, com leitor de CD e dois tapes para fita K7. Corri no Carrefour e vasculhei a banca de CDs promocionais e comprei dois pelo preço de um: uma coletânea de Chico e Caetano e outra do Raul Seixas. No caminho da nova escola, descobri uma locadora de CDs, que foi minha salvação, pois não podia comprar muitos e temia gastar meu rico dinheirinho com novidades decepcionantes. Logo me tornei especialista em rock dos anos 60 e 70 como sócia assídua da locadora de CDs. A MPB sempre caminhou paralelamente, com menos entusiasmo na primeira juventude e mergulho mais profundo quando a poesia passou a ter mais efeito que as guitarras distorcidas.

A literatura e demais artes sempre me influenciaram. Mas a música segue com aquele sonzinho de rádio da infância. Só deixei de consumir música quando morei na floresta. Já adulta, quando morei no seringal, a trabalho como antropóloga, como já relatei anteriormente, havia um tipo de silêncio que me remetia à infância, mas era mais profundo. Sem dúvida, ouvi muitas outras coisas para além da música, e desta experiência pude iniciar minha trilha para a narrativa de *Divisor*. Ela, portanto, saiu do “silêncio” da floresta, mas é embebida pelos meus anos de audição musical. O silêncio, a música e a poesia sempre foram meus confidentes.

A composição narrativa das cenas e capítulos do romance é auxiliada sobremaneira pela música. É uma forma de eu dar o tom da dicção de cada personagem ou ambiente. Como se eu produzisse um perfume, monto a história pregressa da personagem, acrescento seus medos, devaneios e desejos, suas escolhas musicais, seu temperamento e sua forma de ler e dizer o mundo. Separei, então, as principais músicas, ritmos e canções de acordo com as personagens principais.

A música como trilha

Músicas, canções, ritmos que não só inspiram como desenham cenas. Muitas cenas foram escritas após (e durante) a audição de determinada música. Ou vice-versa: escrevo uma cena e me recordo de certa canção que se encaixaria perfeitamente como trilha sonora. Desta

forma, lapido, aperfeiçoou a cena para que de alguma maneira transpire aquele sentimento em mim gerado pela canção.

No romance prevalece a dicção latina, com cúmbias e canções brasileiras, do samba às cirandas. Uma pegada mais nordestina e o baque do Acre, ritmo oriundo destas bandas amazônicas, misto de cúmbia peruana e forró. No ambiente londrino, o rock inglês dos anos 60 está muito presente, não só como pano de fundo. Ana, enquanto Ann, namora um inglês que é vocalista de uma banda cover do The Who. Em outro momento, ela mora com uma amiga peruana flautista, que, assim como Simon, é quéchua e carrega a herança da tradição étnica em sua musicalidade.

Simon, antes de Ana ir para Londres, a presenteia com uma coletânea de músicas. Ana irá ouvi-la somente anos depois na floresta, fazendo referência a boa parte dos músicos que trago aqui como meus inspiradores. Milton Nascimento também é citado em certo trecho da narrativa:

“Pratos empilhados no chão, colheres em cima, panela ao centro. Sentamos ao redor. Marcilene pôs-se a se desculpar caso eu não gostasse de galinha. Não sei se tu come, sei que seu Leo gosta que só. Adoro, afirmei sem menor traço de falsidade, galinha caipira feita no fogão à lenha. Comemos contando sobre a viagem, Amarildo passando recado das novidades da cidade, um ambiente aconchegante ao chão da cozinha suficiente para afastar todo estranhamento e desconfiança de me meter num canto tão distante do meu lugar. Me senti em casa, à meia luz duma lâmpada à base de gerador. Parecia estar dentro de uma canção do Milton. Conversei com as crianças, Ketylen, Antônio e Mundinho. Tentei, ao menos, quase não me respondiam, mas ficavam olhando quando eu não olhava, virava-me para elas, mudavam o olhar, mexiam nos pés, riam-se entre si. Crianças de canelas marcadas pela liberdade, cabelos desenhados pelo vento”.

O trilho de cada personagem

Ana Hévea: É Ana, é Ann e é Ana Hévea. Toda complicada, cheia de dúvidas e inseguranças. O certo é que se esqueceu de três anos importantes de sua vida. Neste lapso de tempo, o avô morre em sua frente, a mãe a culpa pela morte do avô, namora com Simon, entra na faculdade, mas esquece tudo. Volta a ser uma jovem ainda mais insegura, solitária e perdida nas não-lembranças. Mais que sua memória, encontra na floresta sua ancestralidade, sentido e conexão com a vida. Sua trilha é densa, intimista, melancólica, reflexiva.

Cais – Milton Nascimento

Olho d'água – Milton Nascimento

Lua-Gira-Sol – Tom Zé

Conversa comigo mesma – Baden Powell

Cê não vai me acompanhar - Toumani Diabaté, Arnaldo Antunes, Edgar Scandurra

Lovertears – Wandula
Other these days – Edith de Camargo
Águas da Amazônia – Uakti
Bubucelas – Kanaku y El Tigre
Esquadros – Adriana Calcanhoto
A new error – Kai Schumaker
Escape! – Philip Glass
Fim de Festa – Itamar Assumpção
By this River – Brian Eno
Tudo foi feito pelo Sol – Mutantes
If you and I could be as two - Them
I go to sleep – The Kinks
Our love was – The Who
Dogs – Pink Floyd
You don't know me – Caetano Veloso
Why does my heart feel so bad – Moby
Bo Mambo – Yma Sumac
Il cielo in una stanza – Mike Patton

Leo: Leo é um cara cheio de acordes menores, sétimas em diminuto. Sujeito complexo, coração enevado, passado obscuro, alcoólatra. “Corsário”, de João Bosco, poderia ser seu tema principal na novela das 9, interpretado pelo próprio João Bosco. É um cara que ouve Codona, King Krinson, Hermeto Pascoal e Maracatu. Tem uma alfaia abafada dentro de si, que sua mente não permite tocar. Sua trilha se compõe de:

Corsário – João Bosco
El borrachito – Chicha Libre
Big Brother Mental – Siba e Roberto Correa
Preciso me encontrar – Cartola
Trayra Boia – Codona
Valse – Tom Jobim

Marcilene e Amarildo: são da floresta, do norte e nordeste, da América do Sul, são da terra e das águas. O sagrado se manifesta a cada passo no chão, suas raízes são os próprios pés, suas águas não se diferenciam dos rios. O ancestral vibra e se adequa ao tempo, são canções sem data, que não caducam, que alimentam.

Ciranda da macaxeira – Mestre Luiz Paixão e Siba

Casa de reza – Siba e Roberto Corrêa
Juruá – Zenaide Parteira
Desfeiteira – Antônio Pedro
Da espera - Siba e Roberto Corrêa
Mazurca do Riacho Esperança – Mestre Bima
Vesna – Dakha Brakha
Ederlezi – Barcelona Gipsy Klesmer Orchestra
Noite de temporal – Dorival Caymmi
Canoa, canoa – Milton Nascimento
Xote da navegação – Dominginhos
Vida do seringueiro – Valmar
Sonido Amazonico – Los Mirlos
El pescador – José Barros (diferentes intérpretes)

Simon é cheio de gratidão pela vida. Otimista, bem-humorado, sua vida segue em acordes maiores, ritmos latinos e alguma licença para a dramaticidade dos tangos e milongas. Tem uma integridade natural plantada pelos seus antepassados, o que lhe faz leve e profundo. Muitos ritmos latinos e canções de amor, com uma pegadinha pop descontraída. No entanto a separação de Ana não poderia ter melhor trilha sonora que “Canalha”, de Walter Franco, com todo fulgor de um coração adolescente dilacerado.

Cariñito – Hijos del Sol (interpretado também por Mustard Band)
Valicha – Los Destellos, Willian Luna, Sentimento Andino
Cumbia espacial – Ondatrópica
Never seen such good things - Devendra
Desconsuelo – Pequeña Orquesta Reincidentes
Milonga da Espera – Daniel Wolff
Canalha – Walter Franco
A minha menina – Mutantes
Um Girassol da cor do seu cabelo – Lô Borges
Samba e amor – Chico Buarque
Paricutín – Mercedes Nasta

2.4 Estrutura e linguagem

Tudo, creio, já foi pensado e dito por tantos e tontos. Ou quase tudo. Ou quase tontos. De modo que não há novidade debaixo do sol – e isso também já foi dito. “Os temas do mundo são pouco numerosos e os arranjos são infinitos”. – falou Barthes. Então, o que se pode fazer de melhor é dizer de outra forma. É des-ter o assunto. Se for

para tirar gosto poético, vai bem perverter a linguagem. [...] Temos de molecar o idioma para que ele não morra de clichês. Subverter a sintaxe até a castidade: isto quer dizer: até obter um texto casto. Um texto virgem que o tempo e o homem ainda não tenham espolegado. [...] É preciso propor novos enlaces para as palavras. Injetar insanidade nos verbos para que transmitam aos nomes seus delírios. Há que se encontrar a primeira vez de uma frase para ser-se poeta nela. Mas tudo isso é tão antigo como menino mijar na parede. Só que foi dito de outra maneira.

Manoel de Barros

O espaço

Os extremos sul e norte do país são sempre destacados quando se quer dimensionar seu tamanho. No entanto, o Brasil é tão largo quanto longo. A distância leste-oeste atravessa as regiões Norte e Nordeste do país, regiões que caracterizam outros brasis, pouco conhecidos, pouco urbanizados, pouco comentados e estudados, divulgando uma imagem generalizada de recortes mais ficcionais do que realistas sobre seus espaços e, sobretudo, seus moradores.

Na nascente do rio Moa, extremo oeste do Acre, se encontra o ponto mais ocidental do Brasil. Nele se insere o Parque Nacional da Serra do Divisor, decretado como uma Unidade de Conservação em 1989 no lado brasileiro, e em 2015 no lado peruano. Faz divisa com o Peru e é marcado por serras que dão início à cordilheira dos Andes. É considerada uma das áreas com maior biodiversidade do planeta e com difíceis condições de acesso. Esta região é, ainda, povoada por diferentes culturas como ribeirinhos, extrativistas de castanha, látex e óleos de palmeiras, as etnias Ashaninka, Nukini, Nawa, Puyanawa, Kuntanawa, Arara Shawadawa, Noke Koi, índios isolados e profissionais em constante trânsito para a fiscalização do Parque Nacional e da fronteira. A demarcação da fronteira com o Peru obedeceu ao critério do *divortium aquarum*, que se trata de um divisor natural de águas, onde há nascentes que levam suas águas para o leste e outras para o oeste, delimitando bacias hidrográficas.

Um pouco da realidade dos moradores deste rincão perpassa a narrativa, buscando apresentar as formas de sobrevivência e transformação das culturas ali presentes, bem como de seu meio ambiente e da cosmologia dos povos da floresta. Como já mencionado, não é intenção romantizar a vida na floresta, tampouco enfatizar aspectos exóticos à cultura urbana hegemônica. Há, sim, o interesse em contrastar a vivência e percepção de estar no mundo da realidade urbana com a realidade da floresta. Para tanto, a trama é ambientada também na cosmopolita Londres, cidade em que a protagonista vive por sete anos antes de ir para a floresta.

A concretude de uma cidade industrial e pós-industrial em contraste com a organicidade da floresta contribuirá com as transformações da protagonista Ana.



Casas na beira do rio Moa
Fonte: arquivo pessoal

O tempo

A narrativa acompanha a trajetória de Ana dos 18 aos 28 anos. No entanto, não segue um fio linear de apresentação dos fatos. Há uma lacuna de 3 anos na memória da personagem, e esta lacuna é parcialmente preenchida ao longo da narrativa em diferentes momentos e idades da protagonista. Com esta apresentação fragmentada dos fatos, o que diz muito sobre suas lembranças embaçadas em constante desejo de revelação, a estrutura da narrativa também é fragmentária. Os capítulos não seguem uma sequência linear, nem de espaço, nem de tempo. Ora em Londres, ora na floresta, a história se revelará como sua memória. Da mesma forma os capítulos não terão tamanhos muito aproximados, podendo ser maiores ou bem menores, à exemplo dos livros *O pai da menina morta*, de Tiago Ferro, *Eles eram muito cavalos*, de Luiz Rufatto, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

A memória e as lembranças carregam em si um tempo nada físico, mas sim subjetivo e abstrato, sensível e pouco controlável. Vêm e vão. Este fluxo, em devir, é que tento costurar em meio ao inverno amazônico e ao inverno londrino. O tempo da comunicação por WhatsApp e o tempo da canoa sem motor descendo o rio Moa. Os contrastes e contradições do hoje, agora, passado e já foi. Porém, há três momentos claramente divididos na narrativa, apesar de se

apresentarem não linearmente: 1. Ana em Londres dos 21 aos 28 anos; 2. Ana no Acre aos 28 anos; 3. A memória esquecida de Ana dos 18 aos 21 anos. Os dois primeiros são evidenciados pela ambientação. O último atravessará toda a narrativa, independente do espaço.

A narração e a linguagem cabocla

Ana é a narradora em primeira pessoa. No entanto, há cenas em que a focalização se desloca para Marcilene e ela passa a narrar em primeira pessoa, e foi daí que surgiu um desafio a que me propus na escrita desta narrativa: o trabalho com a oralidade das personagens Marcilene e Amarildo.

A variação linguística regional não é segredo para ninguém. Ainda assim, pouco é considerada na literatura literária a escrita das variações linguísticas, mesmo que apenas nos diálogos. Não somente termos regionais, mas a ausência de concordância nominal em número, por exemplo, é plenamente utilizada e difundida na região norte, mesmo em ambientes de domínio da norma padrão da língua portuguesa. A investigação da linguagem mais adequada à narrativa é algo em que busquei me aprofundar, apesar dos preconceitos e certos padrões de análise crítica a respeito do uso de variações linguísticas.

Guimarães Rosa, um dos pioneiros na literatura brasileira pela criação de uma linguagem própria para seus personagens, ganhou respeito e foi canonizado pelo feito. Convenhamos que seu talento linguístico e literário vale o cânone, assim como Simões Lopes Neto, com seus gaudérios vertendo o mais puro sangue gaúcho através das palavras, é tão genial quanto, ou mais, afinal Simões Lopes Neto antecede Guimarães Rosa e há rumores de que o gaúcho foi lido pelo mineiro. Qualquer escritor ou escritora na contemporaneidade que se atreva a essas veredas é imediatamente comparado ao cânone. O que é bastante injusto. Para evitar a comparação (e a crítica), percebo que muitos autores contemporâneos escolhem a norma padrão, com suas complexas flexões verbais e nominais, mesmo não combinando com as características da personagem.

Como fazer então? Qual a melhor forma de não parecer um mau imitador de Guimarães Rosa (pois nem é esta a pretensão), mas manter um frescor na fala das personagens, que são suas características também de personalidade? Como lidar com o preconceito linguístico, como não ser hermético ou piegas? Essas são algumas questões que dormem e acordam comigo a cada diálogo das personagens. Barthes (2007:16) afirma que "o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela

é o teatro”. A escolha do autor por determinada construção da linguagem evidencia seu modo de ler e estar no mundo, instigando o leitor a escarafunchar esses meandros. Como Manoel de Barros (1996, 23) diz: “as minhocas arejam a terra; os poetas, a linguagem”.

Optei, então, em manter os plurais apenas nos artigos e pronomes nas falas de Marcilene e Amarildo, algo bastante comum aqui na região, como já mencionado. Uma ou outra regência verbal, variações locais para determinadas palavras, como nome de comidas e objetos, e o deslocamento do sujeito ao final da frase, também bastante usual na construção das orações pelos acreanos. No mais, são acentos na fala específicos de cada personagem de acordo com suas histórias e personalidade.

As ilustrações

Devido ao acidente sofrido pela protagonista e consequente perda de memória, me dediquei ao estudo de anatomia do cérebro, um pouco de neurologia e estudos de caso de pessoas com amnésia. Outras questões científicas também me chamaram atenção, algo que abordarei no próximo subcapítulo. Mas gostaria de adiantar aqui um pouco do universo da ilustração botânica em que me debrucei um tanto, tendo Margaret Mee, Marianne North e Maria Sibylla Merian como principais fontes.

Margaret Mee é uma ilustradora botânica inglesa que veio para o Brasil em 1952 e acabou por fazer parte do Instituto de Botânica de São Paulo, local que eu visitei e em que pude ver seus trabalhos originais. Viajou muitas vezes para o Amazonas e tem muitas pranchas de bromélias, o que serviu de inspiração também para a artista visual Marina Bylaardt, minha amiga e comadre, a quem eu pedi para fazer algumas ilustrações das bromélias da região do Alto Juruá como se fosse a Ana Hévea. Portanto as ilustrações que aparecem ao longo do romance *Divisor* são todas feitas pela Marina Bylaardt.

Marianne North também esteve no Brasil, mas no século XIX. Passou apenas um ano por aqui, onde registrou as paisagens e a flora da mata atlântica no Rio de Janeiro. Era uma viajante e esteve em muitos países de todos os continentes. Sua produção brasileira foi recentemente reunida por Júlio Bandeira no belo livro *A viagem ao Brasil de Marianne North* (2012), onde constam trechos de seu diário e sua história.

Tanto Mee, quanto North têm em comum não dissecarem as plantas para as ilustrarem, aproveitando ao máximo de suas cores vibrantes, além do fato de associarem a arte à natureza. Esta forma de ilustração já havia sido antecipada pela brilhante Maria Sybilla Merian, de origem

teuto-holandesa, com suas mais lindas obras produzidas na floresta amazônica do Suriname no século XVII. Foi a primeira artista botânica a atravessar o Atlântico e deixou uma marca em suas pinturas que volta agora no século XXI à tona nas discussões científicas: retratar a natureza com seus seres em comunhão, ou seja, ela não representa indivíduos isolados. Apesar de aparentar apenas uma escolha estética, este olhar feminino sobre o todo é fundamental para o fazer científico, para o fazer político, para o social, para as artes e para a vida.

2.5 Cosmologias



Nas *Metamorfoses*, em duzentas e
quarenta fábulas,
Ovídio mostra seres humanos
transformados em
pedras, vegetais, bichos, coisas.
Um novo estágio seria que os entes já
transformados
falassem um dialeto coisal,
larval, pedral etc.
Nasceria uma linguagem
madruguenta, adâmica,
edênica, inaugural –
Que os poetas aprenderiam – desde
que voltassem às
crianças que foram
Às rãs que foram
Às pedras que foram.
Para voltar à infância, os poetas
precisariam também de
reaprender a errar a língua.
Mas esse é um convite à ignorância? A
enfiar o idioma
nos mosquitos?
Seria uma demência peregrina.

Manoel de Barros

A presença de textos científicos junto com a ficção mostra como é possível diferentes ontologias conviverem sem maiores constrangimentos, assim como podem dizer a mesma coisa sob diferentes perspectivas, não necessitando que haja uma tradução de uma ou outra para que sejam absorvidas. A literatura é um espaço de grande liberdade, e eu não poderia deixar de aproveitar para ser livre nela, para incutir/instilar poesia mesmo nas mais duras descrições científicas. Na realidade, não incuti/instilei nada, como diz Octávio Paz (1982:319): “A imaginação poética não é invenção, mas descoberta da presença”.

Não me lembro exatamente o motivo pelo qual decidi que deveria ler a qualquer custo o livro *A Metamorfose das Plantas*, de Goethe, durante minhas pesquisas para o romance. Possivelmente deve ter sido citado em alguma outra leitura que eu vinha fazendo sobre plantas, pois Ana é ilustradora botânica e Leo botânico, e eu me senti obrigada a mergulhar nesse

universo até então totalmente desconhecido para mim. Conversei com muitos botânicos, visitei o maior centro de pesquisa sobre bromélias do país, investiguei as espécies da região do Alto Juruá, entrevistei ilustradores botânicos e corri atrás do *A Metamorfose das Plantas*, que na época ainda não havia sido reeditado em português (edição de 2019, da Edipro, traduzida por Fábio Mascarenhas Nolasco), havendo somente a edição esgotada de 2005 da Antroposófica com a tradução de Friedhelm Zimpel e Lavínia Viotti. Fui encontrá-lo na biblioteca do FFLCH da USP, de onde consegui fazer uma cópia, que agora, toda amassada, riscada e com manchas de café, ainda me acompanha, embora eu tenha também adquirido a versão Kindle da nova edição.

Ao estudar essa obra, fui descobrindo os motivos que me levaram a correr atrás dela a qualquer custo. O texto escrito em 1790 discorre de maneira científica sobre o processo de metamorfose das plantas, desde a semente ao fruto, que traz em si a semente. Neste processo, Goethe insere a descrição dos diferentes tipos de metamorfose, as fases de crescimento e partes da planta, com suas respectivas nomenclaturas, para concluir que toda parte da planta contém a planta como um todo. Esse é um resumo em linhas gerais para leigos como eu. O que interessa, além do todo estar na parte e a parte estar no todo, é o fato de que inúmeras descrições desse processo, para mim, soam como metáforas do processo de crescimento de qualquer ser. Vi poesia ali, como vejo poesia nas plantas. Achei por bem emprestar alguns trechos das descrições de Goethe para ilustrar passagens das personagens em *Divisor*, sobretudo para Ana em seu processo de crescimento e metamorfose.

Goethe estava lá no século XVIII, amparado por outros cientistas e fazendo suas próprias descobertas e deduções, que posteriormente serviram de base para inúmeros outros pensadores. Voltando para o século XXI, em 2019 foi lançado no Brasil (na Itália em 2017) *Revolução das Plantas*, do botânico Stefano Mancuso, que para além de uma descrição fisiológica do desenvolvimento vegetal demonstra aspectos cognitivos das plantas, como a existência de memória, por exemplo. Além da ampliação do estado vegetal para muito mais do que um objeto parado que faz fotossíntese, as plantas se metamorfoseiam a si próprias, e ao meio em que se inserem, não como objetos e sim como sujeitos. Esse é mais um fato que contribui para o processo metamórfico de Ana na floresta, no Kew Gardens e no sítio do avô, ou seja, sempre em que estive em ligação íntima com as plantas.

O filósofo Emanuele Coccia, em seu livro *Metamorfoses* (2020), que inclusive contém diversas citações do *A Metamorfose das Plantas*, do Goethe, também vem tratar de assunto semelhante quando afirma que “todo ser vivo é apenas uma reciclagem do seu corpo, uma manta

de retalhos construída a partir de uma matéria ancestral” (p. 141). Esse assunto vem ocupando cada vez mais espaço nas ciências, entre cientistas da natureza que defendem a inclusão das espécies vegetais como agentes e sujeitos em lugar de serem apenas objetos à disposição dos humanos. A antropologia questiona até mesmo seu objeto como ciência, ampliando o conceito de cultura para além dos seres humanos, o que envolve todo um questionamento sobre as ciências e o fazer científico. Pensadores como Isabelle Stengers (2002), Donna Haraway (2014), Bruno Latour (2020), Débora Danowski e Viveiros de Castro (2002), Newton da Costa (1997), Mauro Almeida (2002), Joana Cabral (2012), para citar somente alguns, que por trajetórias diferentes chegam a conclusões semelhantes, de que “há muito mais regimes de conhecimento e de cultura do que supõe nossa vã imaginação metropolitana”, como afirma Manuela Carneiro da Cunha (2009:329).

Em linhas gerais, estes cientistas e pensadores buscam explicar, através da linguagem da ciência ocidental, o que os povos-floresta têm como óbvio e não por pura crença, mas também por saber científico, um saber adequado à ontologia que lhes é pertinente. Trata-se apenas de diferentes cosmologias, diferentes visões de mundo ou diferentes mundos a partir de uma mesma visão, no caso do perspectivismo ameríndio, por exemplo, elaborado por Viveiros de Castro (1996) a partir da cosmologia de diferentes etnias amazônicas. No entanto, elas não se excluem umas às outras, elas podem conviver e colaborar umas com as outras em direção à realidade pragmática concernente a todos. A *Enciclopédia da Floresta*, organizada por Manuela Carneiro e Mauro Almeida, foi escrita por inúmeras mãos, de cientistas a pensadores da floresta, reunindo inúmeras etnias do Alto Juruá, no extremo oeste acreano, ribeirinhos e extrativistas, numa juntada de seres diversos que convivem naquela região, dos visíveis aos invisíveis. Cada qual com sua ontologia, mesmo entre as etnias que pertencem à mesma família linguística, cada qual com sua forma de compreender os fenômenos que as cercam. É o caso do atual fato, vivenciado por todos nós, dos efeitos do aquecimento global, que são ainda mais evidentes junto às cabeceiras de rios e igarapés. Este fato pode ser explicado por diferentes ontologias, no entanto a colaboração entre elas pode alcançar melhores soluções para uma circunstância que afeta a todos. Também creio que a exclusão de uma ontologia em detrimento da hegemonia de outra é uma guerra que se dá por diferentes vieses, desde o genocídio étnico à adjetivação da literatura como regional, por exemplo, caso não tenha em seu cerne a cultura hegemônica manifestada. Esse pensamento encurtado caduca e vem sendo questionado em diferentes seguimentos do pensamento acadêmico, como já mencionado, necessitando ser tratado com maior atenção também pelos estudos literários.

Enfim, toda essa discussão ontológica é assunto que vai além do escopo deste trabalho e talvez mereça maior atenção, que tenho gosto em levar adiante, quiçá, num doutorado. A questão que é pertinente a essa dissertação, além do fato do romance buscar o encontro entre diferentes ontologias, é a literatura servir como esse espaço de encontro. Assim como as ontologias são plurais, a literatura também é. Plural a partir dos inúmeros saberes que livremente pode assumir, e plural, sobretudo, no encontro com o leitor, como diz Barthes (2004), onde outros sentidos do texto são construídos.

Entrego, então, ao leitor o *Divisor* para que ele seja um encontro. Por mais que as águas nasçam de diferentes vertentes, caminhem em direções opostas, dividam territórios, caiam dos céus e brotem das pedras, todas elas se encontram no mar. E esta é uma verdade que jamais morrerá, nem mesmo de clichê.

III. Divisor – a narrativa em construção

Quase tudo o que escrevi até o momento na narrativa ficcional de *Divisor* se encontra nas linhas que se seguem. Há várias cenas iniciadas que ainda estão sendo desenvolvidas, como também há algumas prontas que não estão aqui e não tenho certeza se vão entrar no romance ao final. Como já exposto anteriormente, as cenas se apresentam mesclando tempos e ambientes de forma não linear. Possivelmente, quando eu finalizar os capítulos que ainda precisam ser escritos, essa estrutura aqui apresentada sofrerá alterações, pois muito do novo que é criado, acaba afetando o que já foi escrito. Neste vai e vem já eliminei muitas cenas e acrescentei outras, assim como modifiquei e eliminei também personagens. Enfim, *Divisor* ainda está em construção e espero muito terminá-lo em breve. Boa leitura!

O capítulo 3 foi omitido por tempo determinado por questão de trâmite de direitos autorais

Referências

- ALMEIDA, Mauro W.B. *Caipora e outros conflitos ontológicos*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- ALMEIDA, Mauro W.B. Linguagem regional e fala popular. In: *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza: V.VIII, 1977.
- ALVES, Antonio. *Política Zero*. Rio Branco: Edições Milacres, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. BERNADINI, Aurora F. et al. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- BANDEIRA, Júlio. *A viagem ao Brasil de Marianne North: 1872-1873*. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.
- BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: LeYa, 2000.
- BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão: Poesia quase toda*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BARROS, Manoel de. *Matéria de poesia*. São Paulo: LeYa, 2013.
- BARTHES, Roland. *Aula – Aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França*. [trad. Leyla Perrone-Moisés]. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BRUM, Eliane. *Banzeiro òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- CABRAL DE OLIVEIRA, Joana. *Entre plantas e palavras: modos de constituição de saberes entre os Wajãpi*. Tese de doutorado em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, 2012.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela e ALMEIDA, Mauro W. B. (orgs.). *Enciclopédia da Floresta – O Alto Juruá: Práticas e conhecimentos das populações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CHANG, Heewon. *Autoethnography as method*. United States of America: Left Coast Press, 2008.
- CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

- COCIA, Emanuele. *Metamorfoses*. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.
- DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. Tradução de Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: UBU Editora, 2018.
- DESCOLA, Philippe. *Além de natureza e cultura*. Tessituras, Pelotas, v. 3, n. 1, p. 7-33, jan./jun. 2015.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *A metamorfose das plantas*. Tradução de Friedhelm Zimpel e Lavínia Viotti. São Paulo: Antroposófica, 2005.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *A metamorfose das plantas*. Tradução de Fábio Mascarenhas Nolasco. São Paulo: Edipro, 2018.
- HOLT, Nicolas L. Representation, Legitimation, and Autoethnography: An Autoethnographic Writing Story. *International Journal of Qualitative Methods* 2. Winter, 2003.
- HOWELL, Signe. (2018). "Ethnography". In: The Open Encyclopedia of Anthropology, edited by Felix Stein. Facsimile of the first edition in The Cambridge Encyclopedia of Anthropology. Disponível em: <http://doi.org/10.29164/18ethno>. Acesso em: 23 abr. 2023.
- LATOURETTE, Bruno. *Diante de Gaia - oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. São Paulo: UBU, 2020.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e lendas do sul*. São Paulo: L&PM, 2010.
- MANCUSO, Stefano. *Revolução das plantas: um novo modelo para o mundo*. São Paulo: UBU, 2019.
- MARRAS, Stelio. *Por uma antropologia do entre: reflexões sobre um novo e urgente descentramento do humano*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 250-266, abr. 2018.
- MEE, Margaret. *Flores da floresta amazônica: a arte botânica de Margaret Mee*. São Paulo: Escrituras Editora, 2010.
- MIRANDA, Camila Fontenele de. A autoetnografia como prática contra-hegemônica. In: *Teoria e Cultura: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais*. v. 17 n.3. Novembro-Dezembro de 2022, Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2022.
- MORETTI, Franco. *A cultura do romance*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- NEVES, Marcos Vinícius das. *Histórias Acreanas: no miolo do pote*. Rio Branco: Fundação Elias Mansour, 2018.
- NEVES, Eduardo Góes. *Nos tempos do equinócio*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967.
- REED-DANAHAAY, Deborah E. *Auto/Ethnography: rewriting the Self and the Social*. New York: Berg, 1997.

VERSIANI, Daniela. B. *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”. *Mana*, 2 (2), pp.115-144. Rio de Janeiro, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena”. In: *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. pp. 345-399, 2002.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.